

LT-142



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

**As Categorias Preditivas de Enumeração e Etiquetação
Antecipada no Discurso Escrito de Estudantes de
Linguística da Universidade Eduardo Mondlane**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção
do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

Maria Esperança Alexandre Macovela

Maputo, 2004



As Categorias Preditivas de Enumeração e Etiquetação Antecipada no Discurso Escrito de Estudantes de Linguística da Universidade Eduardo Mondlane


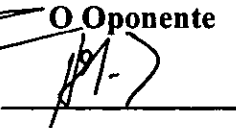
Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane por Maria Esperança Alexandre Macovela

Departamento de Linguística e Literatura
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Professor Catedrático ARMANDO JORGE LOPES

UEM - F.LCS.
R. E. 30273
DATA 27.10.2004
AQUISIÇÃO. *colenda*
COTA 1-142

O Júri:

O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
<i>Almirso Gobo</i>			<i>27/09/04</i>

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para obtenção de qualquer grau e que ela constitui resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

DEDICATÓRIA

A memória do meu pai, ALEXANDRE TOMÁS MACOVELA, à minha mãe SOFIA MATEUS NHACULA, e aos meus filhos PATRICIA ESPERANÇA, MARION PIETRA E HELMON FILIPE.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar aqui os meus agradecimentos a todos que directa ou indirectamente tornaram possível a realização deste estudo.

Ao Professor Catedrático Armando Jorge Lopes, meu Supervisor e Professor de Linguística Aplicada, pela paciência durante o processo de elaboração do trabalho. Gentilmente e de forma abnegada, dedicou seu tempo e conhecimento a este estudo, encorajando-me e apoiando-me na orientação teórica, observações críticas, selecção de obras bibliográficas.

A todos os professores do curso de linguística pelos ensinamentos ao longo do período do curso.

A todos os meus amigos e colegas de curso e de turma. Ao David Langa , Calisto Paliche pelo apoio moral durante o curso e em particular durante a realização deste trabalho.

Ao meu irmão Bito Macovela por todo o apoio incondicional durante a elaboração deste trabalho.

À minha mãe Sofia Mateus, meus irmãos Ana, Alexandre, Sofia e Tomás, ao meu marido Fernando Manjate pela paciência e interesse com que sempre acompanharam os meus estudos.

Resumo

A comunicação é um processo através do qual informações, conhecimentos, sentimentos e experiências são transmitidos de pessoa para pessoa, tornando assim a interacção humana o mais perfeita possível. O acto de comunicar, de acordo com o entendimento tradicional, pressupõe a existência de um emissor e de um receptor que através de um canal fazem a transmissão de mensagens. O acto pode ser verbal ou escrito, desde que haja interacção. O presente trabalho tem como enfoque o processo de interacção no discurso escrito.

A elaboração do discurso escrito pressupõe o uso de sinais linguísticos, pelo escrevente, que predizem a ocorrência de certos actos discursivos. A relação entre tais sinais, a que Tadros (1981) chama *predição*, é importante para a interacção entre o escrevente e o leitor.

Angela Tadros fez um estudo sobre a Predição em textos, cujo enfoque foi em textos de economia. Com base no modelo de análise da linguista, pretendemos neste trabalho fazer um estudo sobre a ocorrência de alguns desses sinais linguísticos no discurso escrito de alguns estudantes do quarto ano do curso de linguística da Universidade Eduardo Mondlane, para que se observe a importância destes para a compreensão do discurso escrito. O trabalho apresenta 7 capítulos que abordam as seguintes questões: O primeiro capítulo constitui a INTRODUÇÃO onde fornecemos informação preliminar a respeito do problema em consideração, o objectivo do estudo e sua delimitação e o plano da investigação; segue-se no segundo capítulo a REVISÃO DA LITERATURA onde discutimos alguns conceitos básicos relacionados com o estudo; no capítulo terceiro apresentamos o MODELO DA PREDIÇÃO; no capítulo quarto os PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DAS CATEGORIAS que enquadram a análise de dados; no capítulo cinco apresentamos a METODOLOGIA e no capítulo seis fazemos a ANÁLISE DE DADOS; por fim é no capítulo sete onde apresentamos as CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES consideradas importantes.

SUMÁRIO

CAPITULO I	1
Introdução	1
1.1. Objectivos do Estudo	1
1.2. Motivação, Delimitação e Contribuição do Estudo	2
CAPITULO II	3
Revisão da Literatura	3
2.1. A Frase além da sua Estrutura Interna	3
2.2. O Discurso Escrito	6
2.2.1. A Estrutura do Discurso	7
2.3. Noção de Predição	10
CAPITULO III	13
Esboço do Modelo	13
3.1. Estrutura do Modelo	13
3.2. Os Membros V e D da Predição	15
CAPITULO IV	18
Pressupostos Teóricos das Categorias	18
Enumeração e Etiquetagem Antecipada	18
4.1. Categoria I: Enumeração	18
4.1.1. Enumeração de tipo A - Sinais do membro V	22
4.1.2. Enumeração do tipo B - Sinais do membro V	22
4.1.3. Enumeração do tipo C - Sinais do membro V	23
4.1.4. A Enumeração do membro D e sua Realização	25
4.1.5. Estrutura interna do membro D Enumeração	27
4.2. Categoria II : Etiquetagem Antecipada	28
4.2.1.1. Etiquetagem Antecipada do Tipo A. Sinais do membro V	31
4.2.1.2. Etiquetagem Antecipada do Tipo B. Sinais do membro V	32
4.2.1.3. Etiquetagem Avançada do Tipo C. Sinais do membro V	34
4.2.2. Etiquetagem Antecipada do Tipo A do membro D	35
4.2.3. Etiquetagem Antecipada do Tipo B do membro D	36
4.2.4. Etiquetagem Antecipada do Tipo C do membro D	36
CAPITULO V	37
Metodologia	37
CAPITULO VI	38
Análise de Dados	38
6.1. Categoria I: Enumeração	38
6.2. Categoria II: a Etiquetagem Antecipada	45
CAPITULO VII	51
Conclusões e Recomendações	51

CAPITULO I

Introdução

No presente estudo vamo-nos debruçar sobre o discurso escrito. Tal como na comunicação oral, a comunicação escrita é interactiva, ela envolve um escrevente, aquele que elabora o texto, e um leitor que é responsável pela descodificação do texto. Diferente da comunicação oral, em que a interacção é recíproca e imediata, na comunicação escrita apenas um participante está presente no momento da elaboração do discurso, e por essa razão, ele irá assumir as regras de escrevente e de leitor "...um dos participantes será provisoriamente representado no estágio da escrita, o que complica o processo para ambos" (Sinclair, 1980:255), pois ao assumir as regras de emissor e receptor, o escrevente deverá no processo de codificação elaborar uma estrutura clara- tanto na forma como no significado - e coesa¹, de modo que o leitor descodifique a mensagem e a interacção seja materializada. Nesse processo o escrevente deverá estar atento aos sinais linguísticos, preditivos, presentes na proposição, e a relação entre eles de modo que o leitor, com a experiência que possui, possa identificá-los (Cooper, 1982), e se sinta orientado para certos procedimentos discursivos, interagindo assim com o escrevente.

1.1. Objectivos do Estudo

Neste trabalho, pretendemos observar a ocorrência de sinais linguísticos preditivos no discurso escrito e sua importância na compreensão do conteúdo discursivo e na interacção entre o escrevente e o leitor. Iremos observar se os escreventes, entanto que

¹ "A coesão ocorre quando a interpretação dos elementos no discurso dependem uns dos outros. O objectivo de um não seria efectivamente descodificado excepto pelo recurso ao outro. Quando isto acontece estamos perante a relação de coesão, e os dois elementos, o pressupondo e o pressuposto, estão potencialmente integrados no texto ." (Halliday & Hassan, 1976:4)

motores da interacção, utilizam sinais propostos pelo modelo de Tadros (1981)² sobre a predição. Assim sendo iremos observar no texto se os escreventes consideram os elementos preditivos na elaboração dos seus discursos; saber até que ponto é que a presença ou ausência de sinais preditivos influencia na coesão discursiva e consequentemente na percepção e interacção do discurso; descobrir que implicações é que a não ocorrência regular de sinais preditivos pode ter na percepção do texto pelo leitor; saber qual é a importância de elementos da estrutura sintáctica e em que é que estes diferem dos sinais preditivos que ultrapassam a fronteira da frase.

1.2. Motivação, Delimitação e Contribuição do Estudo

A elaboração do discurso escrito depende exclusivamente do escrevente. É este quem selecciona os elementos linguísticos que dão corpo a materialização do pensamento que pretende transmitir, tendo em conta a interactividade. Após observarmos o modelo de Tadros sobre a predição em textos, onde enfoque é dado aos sinais linguísticos discursivos utilizados pelo escrevente, e cujo objecto de estudo foi um livro sobre economia, quisemos aplicar este modelo a um outro nível discursivo. Para o efeito seleccionamos 25 trabalhos de estudantes do quarto ano do curso de linguística da Universidade Eduardo Mondlane.

O presente estudo é útil na medida em que trata de aspectos relacionados com a elaboração de um discurso escrito claro e coeso, orientado para a interacção.

² TADROS, A. (1981) Linguistic prediction in economics text. PhD Thesis. Department of English, University of Birmingham, UK.

CAPITULO II

Revisão da Literatura

No presente capítulo vamos fazer uma abordagem a volta de aspectos importantes para a compreensão do estudo. Iremos nos debruçar sobre a frase, discurso e sua estrutura.

2.1. A Frase além da sua Estrutura Interna

O estudo da frase³ tem suscitado análises diferentes entre vários estudiosos. De acordo com a visão tradicionalista, ela é uma unidade estrutural, objecto de análise gramatical. Estes limitam-se ao interior da frase descurando a sua função social (Saussure, Chomsky). Mas esta visão é posta em causa por outros linguistas, que apesar de reconhecerem que os aspectos gramaticais são indispensáveis, consideram-nos insuficientes, pois, é importante uma visão externa da frase dentro do discurso (Tados, Lopes, Coulthard, Dijk, Winter).

James (1980) considera que no estudo da frase dois aspectos devem ser tomados em conta – a forma e a função. Em termos formais as frases são organizadas em unidades supra-frasais ou textos, isto é, a nível gramatical, enquanto que em termos funcionais elas constituem o caminho através do qual as pessoas põem a linguagem em uso, é o campo da análise do discurso. No espectro formal segundo Coulthard (1977) "as categorias funcionais são realizadas pelos dispositivos formais" (Coulthard, op.cit:8). Está então aqui patente que o discurso é considerado uma estrutura funcional; aliás Lopes (1986:12-3) refere que "o âmbito do campo de análise do discurso é mais amplo que o da análise do texto, pois investigar a função implica necessariamente estabelecer relações entre a função e

³"a frase é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima da comunicação" (Cunha e Cintra, 1991:119)

forma"⁴. Assim, o analista do discurso sairá do campo intra-frásico e vai se estender a outros elementos externos aos aspectos formais, sem no entanto descuidar as regras gramaticais. Este facto não é aceite por alguns gramáticos como Longacre (1979) que considera o discurso uma estrutura gramatical, limitando o espectro funcional deste, pois a gramática "pretende unicamente estabelecer regras para distinguir as formas correctas das incorrectas" Saussure (1978:21). Se quisermos seguir a linha deste autor, o discurso limitar-se-á a um conjunto de frases unidas por uma estrutura gramatical, sem que haja uma unidade entre os conteúdos e uma orientação semântica entre elas.

Já em 1965 Gleason considerava não haver estrutura linguística constituinte além da frase, mas sim uma rede de relações. Halliday e Hassan (1976:6) consideram também que no texto, embora a relação "...seja entre partes do texto – frases, parágrafos ou a volta do diálogo- não é o mesmo que estrutura no senso usual, a relação que liga partes de frase ou proposição" (Halliday e Hassan, op.cit.:6), mas sim, esta relação permite que haja textura⁵. Com isto estes autores querem limitar a noção de estrutura ao interior da frase, considerando a relação entre frases e parágrafos dentro do texto como não sendo relações de estrutura na forma usual.

Num outro ponto de vista, Christensen (1969) admite haver relações entre frases e defende que as frases que constituem o parágrafo estão estruturalmente relacionados por coordenação e subordinação. A este respeito Winter (1977) afirma que na comunicação "existem duas frases juntas que entram em especial relação em que entender uma frase depende do entendimento da outra frase no parágrafo" (Winter, op. Cit.:2). De acordo

⁴ "... The scope of the field of discourse analysis is wider than that of text analysis because to investigate function necessarily implies to establish relationships between functions and form. "- (tradução da minha responsabilidade).

⁵ "propriedade de ser um texto". (Halliday e Hassan, 1976:2)

com este autor esta relação é importante para a percepção do discurso, e não importa se tal relação é de estrutura ou não, mas é uma relação de significado entre uma e outra. Aqui, segundo o autor, está explícita a antecipação, que é considerada um grande tipo de predição como veremos a frente, pois ela "evidencia a existência de uma ligação semântica além da construção gramatical da frase, embora a fronteira sintáctica seja definida" (1977:57).

Esta ideia é de certa forma secundada por Halliday e Hassan (1976) que consideram a relação entre frases, uma relação semântica em termos de significado e não da forma.

Do ponto de vista destes autores, o discurso "não é uma unidade gramatical como a frase" (ibid:6) mas sim é constituído por partes unidas por um significado definido pela coesão, pois a estrutura unifica relações criando unidades semânticas⁶.

Estes autores irão estudar a relação entre sequências de frases em termos do que eles chamam de coesão gramatical e lexical da frase, que tornam as frases coesivas. Identificam cinco tipos de união coesiva: *referência*, *substituição*, *elipse*, *conjunção* e *coesão lexical*.

Referência- é uma relação semântica expressa pelo significado gramatical. Ela da-se a um nível fora do texto – exofórico, ou item dentro do texto- endofórico. A referência é uma relação coesiva potencial, pois a interpretação é determinada pela referência

Substituição – é a substituição, no texto, de um item por outro; é uma relação léxico-gramatical, isto é, a nível gramatical e de vocabulário, está confinado ao texto e o item gramatical a substituir tem a mesma função ou classe sintáctica.

⁶ "As relações coesivas não se preocupam com a estrutura, elas podem se realizar tanto dentro de uma frase como entre frases, não se preocupando com a fronteira da frase ". A coesão é uma relação semântica "entre um e outro elemento que é crucial para a interpretação deste, mas a sua localização no texto não é determinada pela estrutura gramatical ". (Halliday & Hassan, 1978:8)

Elipse – é a omissão de um item; é uma relação anafórica na medida em que um elemento da frase precedente é recuperado na frase seguinte.

Conjunção – Os elementos da conjunção expressam, por inerência de seus sentidos específicos, certos princípios que pressupõem a presença de outros componentes no discurso especificando a forma como o texto posterior se liga sistematicamente ao anterior.

Coesão lexical – é o efeito coesivo, resultante da selecção vocabular. Envolve repetição ou reiteração, em que a reiteração é mais alta.

De acordo com estes autores cada uma destas categorias é representada no texto por factores ou aspectos particulares como *repetição, omissão, ocorrência de certas palavras e construções* que sinalizam dependência.

Observamos nesta subsecção, que o estudo da frase não se pode limitar a aspectos gramaticais, é importante o seu nível funcional. Quando se trata de discurso escrito estamos a um nível de "language use", que dá corpo a estrutura discursiva.

2.2. O Discurso Escrito

A materialização do discurso escrito, pressupõe a ocorrência de sinais linguísticos que se relacionam entre si. Segundo Widdowson (1978) o discurso é a relação entre frases e seu significado social. Tais frases performam actos de comunicação relacionados por coerência numa larga unidade comunicativa.

Quando se está ao nível do discurso segundo Brown & Yule (1983) não nos podemos limitar à " descrição linguística da forma, independente dos objectivos ou função a qual essa forma é designada para servir a comunicação humana" (1983:1). O analista do

discurso está preocupado com o uso da linguagem "language use". O discurso escrito é propenso a interacção daí a participação de mais de uma pessoa: escritor e leitor⁷. Diferente da fala onde existem regras distintas, no discurso escrito o escritor escreve algo para ser lido e por vezes tem especificidades indicadas para o leitor. Segundo Lopes (1987: 2),

durante o processamento do discurso escrito, dois pressupostos devem ser considerados: que o escritor está preocupado em fazer-se entender pelo leitor, que tem algum conhecimento do leitor e que assume o papel; segundo que a leitura é um processo interactivo e que isto envolve uma dupla atenção aos modos como o leitor interpreta a codificação do escritor, das funções dos discursos conceptual e comunicativo⁸.

Assim sendo, no processamento do discurso, o escrevente deverá ter em conta todos os elementos importante para a interacção, e deverá se fazer representar pelo leitor, de modo que a sua mensagem seja perceptível.

2.2.1. A Estrutura do Discurso

Quando o escrevente estrutura o discurso tem o propósito interactivo em mente, por essa razão, ao elaborá-lo deverá ter em conta não só a forma e a função, mas também que este deve possuir uma estrutura organizacional que o torna compreensível. Brown & Yule (1983:5) consideram que no discurso escrito,

⁷ O discurso "é um objectivo materializado numa língua natural, produzido numa situação concreta e pressupondo os participantes locutor e alocutário, fabricado pelo locutor". (Mateus et Al (1989:134)

⁸ "In the context of discourse processing, two assumptions have to be considered. First, we have to take account of the fact that the writer was concerned to make himself understood by the reader, that he shares some knowledge with the reader, and that he has assumed the reader's role.... Secondly, we have to take the view that reading is an interactive process and that this involves giving due attention to ways in which the reader interprets the writer's encoding of the conceptual and communicative discourse functions."- (Tradução da minha responsabilidade)

o escrevente, deve prestar atenção ao que está a escrever, fazer uma pausa entre cada palavra, sem interrupção do seu interlocutor, aproveitar o seu tempo para seleccionar palavras particulares, se necessário consultar o dicionário, observar o progresso do que está a fazer, reorganizar o que está a escrever, tendo sempre em mente o que é que pretende transmitir⁹.

Com isto, estes autores querem nos dizer que o discurso não é apenas uma sequência casual de frases de conteúdos relacionados, como refer James "...as frases aparecem numa ordem fixa, e acima de tudo existem nelas dispositivos formais que sinalizam a natureza exacta das relações subjacentes entre as frases sucessivas". (James, 1980:103-4). Lackstrom et al (1972) trás-nos um outro elemento importante para a estrutura, o parágrafo, considerando-o unidade básica da organização do discurso. De acordo com o autor, o parágrafo pode ser ortográfico e conceptual, sendo este último "um grupo de conceitos relacionados organizacionalmente ou retoricamente, que desenvolvem um corum organizacional, cujo objectivo é formar uma unidade coerente e complementar de discurso".

Montgomery (1977:90) defende assim que "sem a noção da estrutura do discurso o estudo da coesão é desmotivado, porque certas unidades coesivas providenciam a estrutura interna do discurso". A relação entre os elementos do discurso, neste caso a frase, é vista por Hoey (1979, 1981) como *relações binárias* que podem ser *sinalizadas* ou *ilicidas*, sendo a sinalizada aquela em que o código é rapidamente decodificado pelo leitor ou auditor e a ilícita, a que envolve um discurso não explícito. É no caso de

⁹ "The writer, on the contrary, may look over what he has already written, pause between each word with no fear of his interlocutor interrupting him, take his time in choosing a particular word, even looking it up in the dictionary if necessary, check his progress with his notes, reorder what he has writing, and even change his mind about what he wants say."- (Tradução da minha responsabilidade)



relações ilícitas onde o leitor tem dificuldade de descodificar. Entende-se assim que a noção de estrutura não se pode limitar a análise sintáctica.

Segundo James (1980), o nível de discurso refere-se ao da linguagem em uso, em que o contexto tem um grande peso. Brown & Yule (1983:3) trazem-nos uma outra dimensão do discurso considerando que "uma abordagem analítica em linguística, que envolve considerações textuais, necessariamente pertence à área de estudo da linguagem chamada pragmática". De acordo com Dijk (1977), a pragmática "estuda a relação entre signos e seu uso, consiste em regras convencionais da língua e manifestações desta na produção e interpretação de interacções"(Van Dijk op. cit:189). Portanto, mais do que da gramática, da morfologia, sintaxe e semântica, o sucesso do acto da interacção passa pela pragmática. Por seu turno Searle (1969:16) levanta uma outra questão relacionada com o enquadramento da importância dos actos linguísticos patentes na comunicação. O autor defende que a unidade da comunicação linguística não é uma palavra ou frase, mas é importante que a produção seja feita dentro da performance do acto da fala¹⁰.

Esta ideia é continuada por Widdowson (1978:79) que faz a distinção entre língua como código e língua como uso, a significação linguística de uma frase e o valor pragmático da pronúncia. O autor interessa-se na língua como comunicação avançando que as frases expressam proposições que estão ligadas por significados de esquemas coesivos, e uma relação de coerência é estabelecida pela examinação da função da performance das proposições, uma função que pode ser independente de factores superficiais como coesão e é chamada de função ilocutória. O autor refere que recorre-se aos procedimentos da

¹⁰ Austin (1962) apresenta 3 tipos de actos de fala ; ilocucionário, locucionário e perlocutório. A importância que ele da ao acto ilocucionário é também dada por Dijk (1977), que considera-o "o significado que o falante quer que o ouvinte entenda ou perceba. O acto é de sucesso quando o ouvinte reconhece a intenção do falante e aqui entram em jogo factores sociais". (Dijk, 1977:199)

coerência¹¹ para se descobrir o desenvolvimento ilocucionário do discurso. Postula por isso que a relação de *coesão e coerência*¹², não existe no texto mas é negociada pela interacção dos participantes no discurso. Aqui, estes autores procuram demonstrar, a importância da coerência e coesão textual, que ultrapassa a estrutura interna da frase.

Observa-se que o sucesso da interacção depende de aspectos funcionais, gramaticais e pragmáticos da língua. O escrevente deve ter em conta na elaboração do seu discurso as regras gramaticais, os aspectos sociais da língua, as possíveis interpretações das proposições e a performance do acto de fala. Posto aqui o que julgamos ser essencial sobre aspectos de coesão e coerência para fins do presente estudo, passamos agora a tratar a noção de *predição*, noção central da dissertação.

2.3. Noção de Predição

No discurso escrito a interacção está subjacente à ocorrência de certos sinais preditivos que o tornam perceptível.

De acordo com Tadros (1981:108), "na predição certos sinais predizem a ocorrência de eventos linguísticos definidos". Ela pode se dar a dois níveis, o do discurso e o da sintaxe.

No nível sintáctico os verbos predizem a ocorrência de objectos, enquanto que no nível do discurso o uso de certos sinais levam o escrevente a realizar certos eventos linguísticos. Vejamos o exemplo que se segue, que nos poderá ajudar a clarificar as diferenças entre as duas realizações:

¹¹ "procedimento de coerência, é a forma como a língua materializa o que o acto comunicativo performa na expressão de proposições, e como diferentes actos estão relacionados uns com outros de forma linear e hierarquica". (Widdowson, 1975). Este autor refere ainda que os procedimentos de coesão e coerência não são completamente distintos.

¹² In Van Dijk, 1977 "coerência e coesão são termos sinónimos".

Ex: 1. Antes de discutirmos esta questão posterior, todavia, é necessário definir consumidores e produtores de bens.

1. Consumidores de bens- o último objectivo da produção é providenciar aos consumidores com bens que os satisfaçam.
2. Eles querem bens com qualidade
3. Produtores de bens- diferente de consumidores de bens, não desejam coisas para o seu próprio fim, mas só porque a sua assistência pode render a produção de outros bens.
4. Eles compreendem

Conforme podemos ver no exemplo, a primeira frase apresenta o item *definir* que prediz a ocorrência do acto nomeado que é de *definir*, e a predição é totalmente satisfeita no número a seguir com a definição dos termos preditos. Aqui o que é predito não é um elemento da estrutura sintáctica, mas o item do discurso que complementa ou transcende a fronteira da frase. Caso não haja sinal de predição no texto, o escrevente não incentará nenhuma acção, e é esse sinal que leva o leitor a reconhecer o cometimento do escrevente para uma certa acção. Importa no entanto desfazer qualquer possibilidade de relação entre predição e antecipação¹³. A antecipação envolve suposição por parte do leitor. Na predição o texto apresenta sinais que levam a ocorrência de um evento linguístico subsequente no texto, através do qual o leitor prediz o que o escrevente irá fazer. Se não há sinal o leitor é levado a antecipar o que o escritor poderá fazer através do uso do seu censo comum, conhecimentos do mundo, e confiando na suposição tácita de uma cooperação humana presente pois sem essa suposição não há interacção.

¹³ Winter, (1977:57)

Para que haja cooperação dois aspectos entram em jogo: um específico em que o escrevente está cometido a cumprir a predição que é feita através de um sinal dado no texto, e um aspecto geral em que não há predição feita em cima, por essa razão não há comprometimento além do que é antecipado em qualquer esforço cooperativo, neste caso o leitor vai tentar antecipar melhor que a predição específica, tendo em conta o princípio cooperativo de Grice (1975), atendendo às máximas de qualidade, quantidade, relação e maneira. Este princípio diz que "fazer uma contribuição conversacional como tal requer um estágio no qual o sujeito está engajado" (Grice, op.cit.:45). Este princípio é baseado na suposição tácita em que quando a pessoa está engajada num procedimento de interação, faz tudo em seu poder para manter o princípio cooperativo recorrendo a implicatura conversacional, através de um esforço feito conjuntamente pelos participantes na interação. No entanto a materialização deste princípio é posta em causa, daí que Tadros (1981) considera que a predição não pode ser estabelecida de acordo com a suposição tácita de cooperação-humana. Tem de se ter em conta a existência de sinais preditivos usados pelo escrevente que confirmam que ele está cometido com o que diz. A predição manifesta-se, na estrutura discursiva, de formas diferentes. Segundo Tadros (1981:111) existem 6 categorias de predição: Enumeração, Etiquetação Antecipada, Recapitulação, Relato, Hipoteticalidade e Questão.

Devido a limitação de espaço exigido por um trabalho desta natureza, para a presente dissertação vamos considerar apenas 2 categorias: Enumeração e Etiquetação Antecipada. A perspectiva do estudo é que o fenómeno da predição não é esporádico ou intermitente, mas sim fundamental e a estrutura do discurso depende muito da predição.

CAPITULO III

Esboço do Modelo

Nesta secção vamos apresentar o esboço do modelo com base no qual iremos trabalhar. Importa referir que o modelo é baseado na perspectiva de Tadros (1981) apresentado na sua análise sobre a "Predição em textos". Ao adoptarmos este modelo, pretendemos ver se este, se estende a outro tipo de textos .

3.1.Estrutura do Modelo

O modelo de estudo é baseado na noção de *predição*. Este modelo tem como essência o facto de na predição o aspecto básico ser a relação entre um item preditivo e um item predito. Estes itens envolvem unidades de análise o *par*, *membro* e a *frase* (Tadros 1981) que fazem o modelo. Estas unidades se relacionam entre si.

O *Par* , como o nome refere, consiste em dois membros em que o primeiro é preditivo (símbolo V) e faz a predição e o segundo predito (símbolo D) que materializa a predição. O termo foi usado por Sacks (1967) para se referir a unidade estrutural básica da conversação. De acordo com o autor o "par de elocuições" ou "par adjacente", é produzido reciprocamente por dois falantes sendo a pronunciação do primeiro falante pertencente a classe do primeiro par em que a do segundo falante não será a segunda parte do par, mas sim o par complementar do primeiro. O que significa que a primeira parte do par faz uma segunda parte do par tornar-se condicionalmente relevante. Por seu turno, Tadros considera que o par é constituído por dois membros em que o primeiro é preditivo e o segundo predito. A noção que a autora apresenta difere da de Sacks (1967), pois o autor

refere-se ao texto oral enquanto que Tadros refere-se ao texto escrito. De acordo com a autora no sistema conversacional oral os participantes é que governam o par enquanto que no discurso escrito a noção de predição é somente controlada pelo escrevente.

Tadros (1981) classifica as partes que compõem o par de *Membros*, em que o primeiro membro é preditivo, sinalizado por V e é materializado por outro membro predito o D.

O termo é também analisado por Winter (1977) que considera que o *Membro* como relação de pares pode ser uma frase ou mais, ou um grupo nominal. A *frase*, segundo Tadros (1981) é uma unidade ortográfica importante para o discurso, que é delimitada no final por um ponto parágrafo ou um ponto de interrogação como principais fronteiras; mas outros sinais não tradicionalmente reconhecidos, como o traço de união (-) e os dois pontos (:) são considerados quando separam um membro preditivo do predito, pois são capazes de "marcar grandes estruturas do modelo discursivo, eles separam um V do seu D" (Tadros op.cit.:120). Vejamos a função de cada um.

1- Ponto parágrafo (.)- Um membro V é separado do membro D por este sinal quando não ocorrem na mesma frase ortográfica, o que não significa que a predição não ocorre dentro de uma frase. Quando o V não é completo numa frase que termina com o ponto parágrafo, o seu D realiza-se no parágrafo seguinte completando a ideia anterior ou fazendo citação.

2- Ponto de interrogação- (?) é considerado um ponto convencional sem ambiguidade. É usado em frases interrogativas em que o V é uma interrogação.

3- Traço de União (-) Ocorre quando há um corte ou paragem na estrutura dentro da frase. Mas nem todas as instâncias onde este é usado está dentro da área de V e D. Muitas vezes o V vem antes do traço de união e irá rotular um acto avançado. O acto cumprido

em D não é dado em uma frase separada mas na mesma frase embora seja claro um corte estrutural marcado pelo traço de união. A função do traço de união no discurso é diferente da sua função na gramática¹⁴.

4- Dois pontos (:) – ele opera em três áreas:

- a) Onde a informação do membro D é representada horizontalmente - aqui o D faz a enumeração de forma horizontal usando diferentes alíneas;
- b) Onde a informação do membro D é representada tabularmente;
- c) Onde o membro D é realizado por um texto não linear - tabela, figura ou gráfico.

Estes separadores são importantes pois, como vimos acima, permitem separar o membro V do D traduzindo assim a importância das ligações coesivas e da relação exterior da estrutura interna da frase para a materialização do conteúdo a transmitir.

3.2. Os Membros V e D da Predição

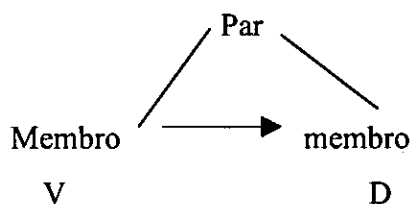
Na *Realização do Membro V*, o mínimo constituinte é a frase. Ele pode realizar-se gramaticalmente em cinco formas:

- 1- Em Proposições interrogativas - O que é riqueza?
- 2- Em Proposições declarativas - existem bens de 3 qualidades.
- 3- Em Proposições imperativas - considere a figura 30!
- 4- Em Proposições incompletas - as várias situações são:

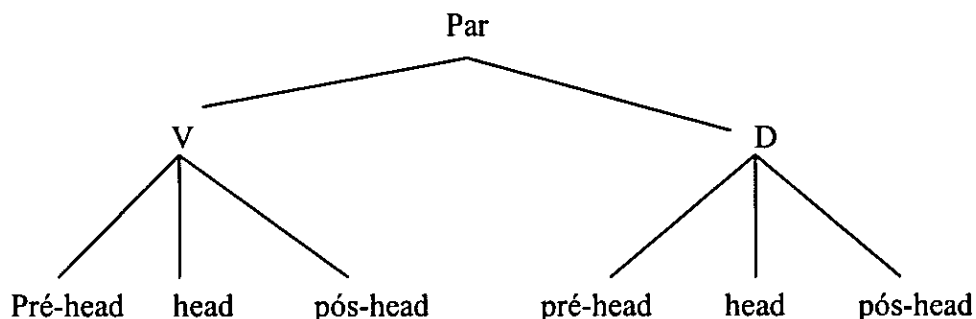
Por seu turno a *Realização do membro D* pode ser um texto linear ou não linear. Se for linear pode ser uma frase declarativa, e se for texto não linear, este pode ser um diagrama ou uma tabela.

¹⁴ "a função essencial é marcar a melodia, a entoação" (Cunha e Cintra, 1991:639)

O modelo proposto por Tadros (1981) apresenta a seguinte estrutura primária:



Neste modelo o par consiste em dois membros, o primeiro é V e está sempre a esquerda de D, e o segundo D. A relação entre V e D é de predição e é indicada pela seta. Os membros por sua vez apresentam uma estrutura interna que pode ser representada diagramaticalmente:



O *h* do membro V é identificado e classificado de acordo com o sinal que ele apresenta. É um elemento importante, pois é ele quem carrega o sinal preditivo. O *h* do membro D satisfaz a predição feita pelo *h* do membro V.

O Pré-*h* de V ou D é classificado posteriormente. Ele não é identificado como pré-*h* até que se localize o *h*. O pré-*h* possui uma relação semântica com *h* e providencia o contexto deste. Para identificar a fronteira inicial do pré-*h*, são considerados alguns procedimentos, pese embora estes possam ser arbitrários:

- 1- Qualquer elemento textual depois do título, e caso o primeiro *h* de V ocorra no mesmo parágrafo é considerado pré-*h*.

- 2- Caso o *h* de *V* esteja presente no início do parágrafo considera-se que não há pré-*h*, a menos que no modelo descontínuo ocorra uma peça do texto entre *h* de um *D* e *h* do próximo *V* o que é parágrafo inicial, e nestes casos, esta peça do texto é classificada como pré-*h* para esse parágrafo inicial se este estiver semanticamente ligado ao seguinte *h* de *V* mais concretamente o precedente *h* de *D*.
- 3- Raramente encontramos um pré-*h* de *D*, só em casos onde o *V* e o *D* ocorrem dentro do mesmo parágrafo. Aqui o intervalo na coesão superficial ajuda a identificar as suas fronteiras.

A função do pós-*h* é comentar ou expandir o *h* ou *h_s* precedentes. Uma peça do texto entre o *h* de *V* e *h* do seu *D* é considerado pós-*h* para *h* de *V*, dando abertura a ocorrência de outros *Vs* nesse intervalo, e providenciando que tal peça do texto esteja semanticamente relacionado com o precedente *h* de *V* e com *h* de *D*. O pós-*h* de *D* começa logo que a predição esteja minimamente satisfeita.

Como dissemos anteriormente, existem seis categorias da predição, nomeadamente, *enumeração*, *etiquetação antecipada*, *relato*, *hipoteticalidade* e *questão*. Estas categorias variam de acordo com o formato que cada uma dá ao discurso pois elas apresentam sinais característicos. Apesar do meu reconhecimento sobre a importância de cada uma delas para o discurso, no presente estudo vou considerar duas, nomeadamente, a *Enumeração*, e a *Etiquetação Antecipada*.

CAPITULO IV

Pressupostos Teóricos das Categorias

Enumeração e Etiquetação Antecipada

Conforme referimos anteriormente, neste capítulo, vamos definir cada uma destas categorias e apresentar as especificidades de cada uma e sua importância para o discurso.

4.1. Categoria I: Enumeração

Enumeração, é uma categoria da predição na qual um membro V de um par predito, apresenta sinais que regem a materialização por mais de um membro D. O facto dá-se porque o título do membro V possui sinais que levam o escrevente a enumerar. Esta categoria envolve itens como *numerais*, *substantivos enumeráveis (abstractos)*, *substantivos abertos (próprios)*, *Sequência de itens*, *dada e nova*, *anafórico e catafórico*.

1. *Numerais* - podem ser exactos - 1, 2, 3 - e inexactos - pequenos, muitos, um número de, etc.
2. *Substantivos enumeráveis (abstractos) e abertos (próprios)*- os primeiros são referentes textuais, enquanto que para os segundos os referentes não são textuais mais dão-se no mundo real.
3. *Sequência de itens*- estes indicam a ordem temporal ou espacial no texto e podem ser apresentados da seguinte forma:
 - a) Primeiro, segundo, terceiro etc.
 - b) Ultimamente, finalmente
 - c) Um, próximo, então, também, outro, etc

d) Numeração romana: i, ii, iii, etc

e) Letras do alfabeto: a, b, c, d etc

4. *Itens Dados e novos*- referem-se a organização da informação na estrutura do texto. A ordem temporal ou espacial obedece a uma estrutura da informação. Assim sendo, a informação pode ser considerada dada - quando é recuperada pelo contexto-, e nova - quando não é recuperável pelo contexto¹⁵.

5. *Itens Anafórico e catafórico* - de acordo com Halliday (1978), todas as frases, excepto a primeira, exibem alguma forma de coesão com a frase precedente, normalmente a imediatamente a seguir. Em outras palavras, todas as frases contem um vínculo anafórico que conecta o que é dito com o que foi referido antes. Algumas frases também podem ter um vínculo catafórico, conectando o que acima foi dito com o que se segue.

A presença ou não destes itens no membro V, é que vai determinar o tipo de membro D.

Existem critérios que permitem a selecção das frases pertencentes a esta categoria:

Critério I: Neste critério identificam-se dois tipos de estrutura:

a) Um sujeito no plural seguido de um verbo que exige um complemento, e sua estrutura por completar é seguida de dois pontos (:). Vejamos o exemplo que se segue:

Ex. 1. As várias objecções a esta teoria são:

Critério II: Onde a frase inclui referência a um espaço textual catafórico através de itens como "o seguinte", "como se segue" , associados a um substantivo plural. Vejamos:

¹⁵ Lopes (1986:32-9) aponta para a existência de três tipos de estrutura discursivas dentre as quais a estrutura informacional que envolve a informação velha e nova. O autor remete-nos para Chafe (1970) que considera a informação dada e nova como "itens de informação no discurso prévio, situação ou experiência e assumidos pelo falante para ser avaliado na mente do destinatário."- "Items of information in previous discourse, situation or experience, and assumed by the speaker to be available in the addressees mind." (Tradução da minha responsabilidade)

Ex. 2. A seguir, então, estão algumas razões para salvar :

Por vezes a predição se manifesta de uma forma muito forte. Veja-se o exemplo:

Ex. 3. Os principais factores tendem a ser relacionados a localização da indústria sendo como se segue:

Estamos diante de um elemento de predição forte que é cumprida imediatamente.

Critério III: Onde a frase inclui um nominal do grupo dos enumeráveis, um numeral exacto ou não, e a informação providenciada é apresentada como nova para o contexto.

Vejamos o seguinte exemplo:

Ex. 4. Há mais de dois tipos de companhias:

Neste critério a presença de dois pontos não funciona como critério pois, por vezes, a informação requerida é já satisfeita no próprio texto. Vejamos o exemplo que se segue, onde o escritor usa o traço de união para fazer a enumeração:

Ex. 5. Estes quatro tipos de pagamentos - rendimentos, sustento, interesse e proveito - são, por conseguinte, entradas e todas as entradas são recebidas por alguém.

Apesar de existir uma forte relação entre os numerais e os nomes, os nomes só são considerados relevantes quando o foco é no nome e este pertencente ao grupo dos enumeráveis. Vejamos alguns exemplos :

Ex. 6. Neste momento existem 21 firmas na sociedade de federação cooperativa de produção e com total combinado de activo de mais 3 milhões.

Ex. 6^a. Aqui há duas principais objecções para classificar factores de produção em grupos definidos de ilhas, trabalho e capital.

No exemplo 6 temos o numeral "21" que modifica o nome aberto "firmas". O foco está no número "21" e não em "firmas" cujo referente existe no mundo fora do texto. No exemplo 6^a, paradoxalmente, o focus não incide no número mas sim no nome que pertence ao grupo de enumeráveis.

No que diz respeito ao item dado e novo também encontramos algumas especificidades de classificação. Vejamos os exemplos:

Ex. 7. Estes dois tipos de salvadores são ambos voluntários.

Ex. 7^a. Há mais de dois tipos de companhias:

Em 7 o numeral "dois" modifica o nome "tipo" e a informação é *dada* como indica o anafórico "estes". A informação nova é que esses salvadores "são ambos voluntários".

Em 7^a temos o numeral "dois" e um enumerável "tipos" aqui a informação é nova para o contexto e é preditiva da enumeração. Mas como se pode ver a seguir nem sempre a presença de numerais pressupõe enumeração:

Ex. 8. Aqui existe um número de velhas companhias de investimento estabelecidas, as acções são compradas e vendidas de forma ordinária em stock de mudança.

Ex.8^a. Para mais segurança há um número de caminhos através dos quais os riscos podem ser reduzidos.

Ambos os exemplos apresentam numerais inexactos "um número"; no entanto o primeiro não é preditivo porque o numeral está relacionado com um nome "companhia" pertencente ao grupo de substantivos próprios, e temos "velhas companhias que é informação velha" da enumeração e o segundo é preditivo pois o nome "caminho", pertence ao grupo dos enumeráveis, e apresenta um verbo que requer enumeração.

A estrutura interna do membro V da enumeração apresenta-se da seguinte forma:- (pre-h) h (post-h). O determinante crucial nesta categoria é o dois pontos que bloqueia a ocorrência de pós-h e sinaliza que o membro D pode seguir-se mas que o primeiro título pode ocorrer sem um pré-h. Quando os dois pontos não se fazem presente na separação do membro V do D há possibilidade de ocorrência do pós-h seguindo um título do membro V e do pré-h antes do D.

Nesta categoria as frases preditivas, podem-se dividir em três tipos (A, B e C) tendo cada tipo sinais característicos que os identificam.

4.1.1.. Enumeração de tipo A - Sinais do membro V

Pertencem ao tipo A as frases que obedecem ao *critério I*. O sinal são os dois pontos, que não permitem qualquer outra intrusão na estrutura, antecedidos de uma estrutura com um verbo que requer um complemento e um nome no plural. O importante para este tipo é que a frase, sintacticamente incompleta, requer complemento sintático que será providenciado pela enumeração. Normalmente os dois pontos ocorrem numa frase V, e a ocorrência do D é necessário em termos sintáticos.

4.1.2. Enumeração do tipo B - Sinais do membro V

Pertencem a este tipo as frases que obedecem ao *critério II*. Aqui o sinal do membro V é uma frase sintacticamente completa, embora em termos de pontuação tenha dois pontos. A distinção entre substantivos enumeráveis e próprios/abertos não é crucial caso ambos ocorram, e a ocorrência de um numeral não é determinante para este critério. Os sinais da enumeração são os itens : "o seguinte" ou "como se segue" quando associados a um

substantivo no plural. Na estrutura deste tipo os *dois pontos* bloqueiam a ocorrência do pós-h depois do membro V.

4.1.3. Enumeração do tipo C – Sinais do membro V

Pertencem a este tipo frases que obedecem ao *critério III*. Como no tipo B, o título do membro V é uma frase sintacticamente completa, mas ao contrário dos tipos A e B aqui os *dois pontos* não são cruciais embora possam ocorrer. O importante neste tipo é a ocorrência de um numeral exacto ou inexacto. O substantivo qualificado por um numeral pode pertencer aos enumeráveis. A importância que a ocorrência de um substantivo de enumeráveis tem para este tipo, pode ser demonstrada pelo exemplo:

Ex. 9. Neste tipo de companhias existem no mínimo 7 accionistas, mas não há um número máximo fixo.

Este exemplo irá contrastar com outro:

Ex. 10. Este tipo de companhia tem 3 factores importantes: o número de accionistas pode ser mais que 2 mais, o máximo, não pode exceder a 15. Um accionista não pode transferir suas acções sem o consentimento da companhia, e nenhum convite pode ser feito para o público geral para subscrever as acções.

Conforme podemos observar, os dois exemplos têm um numeral "7" e "3", no entanto um leva o escrevente a fazer a enumeração de facto enquanto que outro não. A razão está na diferença entre os dois substantivos modificados pelo numeral "accionistas" em 9 e "factores" em 10. O primeiro substantivo pertence ao tipo *próprio/aberto*, cujo o referente não é textual e o segundo pertence aos enumeráveis cujo referente é indicado para ocorrer imediatamente.

Ainda em frases do Tipo C, encontramos casos em que a estrutura interna apresenta a possibilidade de reiteração do sinal do membro V, desde que este seja realizado por uma frase sintacticamente completa. Há sempre um movimento do mais geral ao menos geral.

Vejamos um dos exemplos:

Ex. 11. Ha 1) Aqui há muitas variedades de preferência de acções, e tipos híbridos que combinam funções de ambos ordinários e acções preferidas.

Hb 2) Duas podem ser mencionadas:

Há aqui dois sinais do membro V que predizem enumeração. O primeiro sinal é realizado pelo sublinhado na frase 1 e o segundo na frase 2. O numeral inexacto "há muitos" é feito mais exacto em Hb. Assim de "muitas variedades" viemos abaixo para "duas". Uma outra estrutura possível para o tipo C é a ocorrência de um pós-h entre o V e o D em casos onde os dois pontos não são usados no fim do membro V. Este pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo:

Ex. 12. 1) Aqui há um número de diferentes tipos de acções, e uma companhia pode ter dois ou três tipos diferentes de modo a traír diferentes investidores...

2) Acções não são sempre totalmente pagas (por exemplo, só 70% pode ter pago) mas a companhia pode convocar o balanço se este for requerido.

O título do V é realizado pela frase sublinhada e a segunda expande o sinal do V, acrescentando mais informação acerca de acções, e é classificada como pós-h. Assim não ocorre um outro V entre o sinal inicial do membro V e o membro D. Assim sendo, podemos concluir que a ocorrência de um pré-h antes do sinal do membro V é comum aos três tipos e que a ocorrência deste depois do membro V dá-se raramente com C e nunca ocorre com os tipos A e B.

Depois de termos discutido os 3 tipos de enumeração do membro V e a sua estrutura interna, passamos a falar do o membro D.

4.1.4. A Enumeração do membro D e sua Realização

A função do membro D nesta categoria é realizar/completar a predição feita pelo membro V-predição de enumeração. Ele realiza-se através da enumeração feita de forma coordenada com o memebro V satisfazendo a predição levantada por esse V, através da disposição das alíneas de forma linear, em que se temos (1) deveremos ter (2) e não (b). Mas para além da enumeração, é imperioso o cumprimento dos conteúdos. Vejamos:

Ex. 13. V. Os principais factores que tendem a sobressair na localização da indústria são os seguintes :

E temos

- D (i) próximo para chamar
- (ii) Próximo para componente

E não temos:

- (iii) Botas sapatos são manufacturados nas cidades de Northampton e Neighbouring ...

Vemos que em (iii), temos exemplos de factores e não eles os factores.

O membro D, é facilmente reconhecível. Ele é reconhecido por factores especiais tipográficos como itálico, pela sequência dos items, por paralelismo gramatical. Vejamos a seguir:

1. Sequência de itens:

- 1- "um", "primeiro", "este", etc que marcam inicio de uma sequência de elementos.

- 2- "segundo", "terceiro", "outro" , "próximo", "então", "último", "finalmente",
"também" que marcam a sequência dada pelo primeiro.

2.Paralelismo gramatical:

Não temos uma sequência de sinais, mas temos *dois pontos* que indica que o que se segue é membro D.

Ex. 15. V1 Há aqui duas vantagens por ser derivada deste método de expansão:

D1i Isto facilita novo sangue a ser introduzido no negócio

D1ii e isto cria possibilidade de falta de capital

No exemplo acima temos paralelismo gramatical em que ambos sinais de D são realizados no (presente) e as duas ligadas pelo coordenador *e*.

3.Coesão

Relaciona o título do membro D com o do V, muito particularmente *repetição lexical*.

No exemplo seguinte a palavra "económico" que ocorre no membro V é reiterada em todos os sinais de D.

Ex. 14. V1 A seguir temos algumas das principais escalas da economia interna:

D1i (i) Economia em uso de factores de produção

D1ii (ii) Economia em administração

D1iii (iii) economia e mercado

D1iv (iv) Outra economia de larga escala .

4.1.5. Estrutura interna do membro D Enumeração

A principal característica da enumeração é que podem haver mais de dois Ds. O número de Ds está relacionado com o numeral dado em V, se é exacto ou inexacto. Se o escritor diz por exemplo:

Ex. 15. V1. Dois efeitos na mudança do preço da produção:

Então, dois efeitos devem se seguir, constituindo o membro D. Então temos :

D1i (i) Um efeito de substituição

D1ii (ii) Um efeito de vinda

Em casos onde o numeral é inexacto, qualquer membro D compatível com o significado do numeral vai se materializar. Vejamos o exemplo que se segue:

Ex 16. V Por um número de razões, a grande medida do sucesso está relacionado ao esforço governamental para a industria nos anos 1930 e 1945.

Conforme podemos ver, o V "um numero" é um numeral inexacto, e qualquer número mais que um pode satisfazer a predição:

D1i (ii) a intervenção do governo tem sido em grande escala nos últimos anos

D1ii (ii) Então, a condição económica de dois períodos com algumas diferenças, o primeiro sendo um tempo de difundir a falta de emprego...

Após a predição em V, deve logo seguir-se a enumeração em D. Não é permitida a introdução de um outro elemento frásico. Vejamos

Ex. 17. V1 Atenção tem sido dada ao número de caminhos para controlar o monopólio:

Os *dois pontos* bloqueiam a entrada de um pré-h do sinal de D e pós-h do sinal de V.

Nós não podemos ter o seguinte acima:

D1i O governo ensaia para proteger os interesses do consumidor. (i) restrição legal...

D1ii Operação estadual ou municipal...

Desde que o sinal do primeiro D na sequência possa estabelecer uma relação directa com o V que o domina não poderá haver um pré-h.

4.2. Categoria II : Etiquetação Antecipada

É o termo usado para se referir a categoria da predição em que o escritor pré-classifica o acto que ele vai performar no discurso. Por fazer isso ele está comprometido com a performance do acto etiquetado. Se o escritor diz "vamos definir" nós vamos praticar acto de definir, se diz "isto pode ser ilustrado pelo seguinte diagrama " nós iremos produzir diagrama. No entanto, por vezes a pré-classificação é feita depois do acto performado e nestes casos teremos uma retrospectiva. Para vermos a diferença entre etiquetação antecipada e retrospectiva etiquetada vejamos os exemplos.

Ex.18. 1. Esta ilustração mostra-nos uma importante característica das desvantagens, nomeadamente, que sem soldar, isto não fica fixo, mas....

2- Um exemplo vai mostrar o método de distribuir vantagens de uma companhia.

O Exemplo em 1 é uma retrospectiva etiquetada . O escritor faz depois produz ilustração através de um texto não linear referindo-se ao que ele fez anteriormente. A retrospectiva etiquetada ocorre como um comentário em que em termos estruturais é considerada pós-h caso seja precedida pelo título. O exemplo 2 é etiquetação antecipada. A parte sublinhada dá-nos sinal de que algo vai ocorrer e remete-nos para o texto onde iremos encontrar o acto predito que foi etiquetado pelo escritor.

De acordo com o modelo de Tadros (1981), o sinal da etiquetação localiza-se no título membro V. Se no membro preditivo o escritor diz "Aqui é possível delinear uma curva", o acto predito será de fazer uma curva numa frase diferente.

Nesta categoria identificam-se *cinco critérios* todos eles necessários, pois nenhum critério isolado é suficiente para qualificar uma frase para inclusão neste tipo de predição.

Critério I- A frase deve ter a etiquetação de um acto.

Critério II- O acto deve ser um acto de discurso, não um acto cuja a performance tem lugar fora do texto

Critério III- A etiquetação do acto deve ser dada antecipadamente, isto é, a performance de um acto ocorre depois da etiquetação e não antes .

Critério IV- A regra do actor não é assinada em qualquer outra parte, e por conseguinte, persiste como a de escrevente.

Critério V- A etiquetação do acto, deve dar-se na frase onde se dá a performance.

Para que uma frase pertença a esta categoria é importante que satisfaça todos os critérios acima descritos. Vejamos os exemplos a seguir, tendo em atenção os itens sublinhados e os agrupamentos adoptados:

Ex. 19. (grupo I)

- a) Para sustentar a expansão da população é necessário dobrar a produção da comida de cinco em cinco anos
- b) No capítulo 2 riqueza foi definida como armazém de bens existentes num tempo dado e de utilidade, em valor monetário.

- c) Como se usa em economia, o termo utilidade pode ser definido como um conjunto de satisfação a ser derivada de uma comodidade ou serviço num tempo particular.

Neste grupo, a frase *a* é excluída, porque, embora remeta ao critério um, ela contém a etiquetagem de uma acto que não é de discurso (critério 2). Dobrar a produção de bens não é um acto em que o escrevente ele próprio está cometido a fazer, porque é um acto cuja performance não é linguística.

A frase *b* satisfaz os critérios um, dois e quatro, mas falha no critério três. A frase contém a etiquetagem de uma acto "definido" (critério 1), o acto é de discurso (critério 2), mas tem pensamento, o que satisfaz critério 4, por isso é excluído desta categoria de predição porque a etiquetagem do acto ocorre depois de o acto ter sido performado. Na frase do exemplo 1.b, o facto de o escritor se referir a parte do próprio texto, "cap. 2", onde um acto do discurso foi performado, mostra-nos que ele próprio foi o actor.

Vejamos, agora, o segundo grupo de frases:

Ex 20. (grupo II)

- d) Um exemplo simplificado fará isto claro.
- e) Antes de discutir esta questão mais tarde, por conseguinte, é necessário definir consumidores e produtores de bens.
- f) Isto pode ser mostrado diagramaticalmente como segue:
- g) Considere o seguinte diagrama:

Neste grupo as frases satisfazem todos os critérios acima e estão incluídas na categoria da predição. Passamos as frases do grupo III:

Ex 21. (grupo III)

h) É importante, por conseguinte, distinguir entre sustento real e nominal.

i) É necessário, por conseguinte, considerar que factores induzem a persistente inflação.

As frases deste grupo satisfazem os critérios 1, 2 e 5. Eles contêm a etiquetação de actos de discurso (critério 1 e 2). A frase do exemplo *h* contém não performados na frase na qual são etiquetados (critério 5). Diferente das frases do grupo 2, as frases do grupo 3 são difíceis de encaixar desde que não haja indicação, dentro delas, que os actos não são performados (critério 3).

As frases pertencentes a etiquetação antecipada distribuem-se em 3 tipos dependendo do tipo do acto etiquetado, classificados em A, B e C.

4.2.1.1. Etiquetação Antecipada do Tipo A. Sinais do membro V

Neste tipo, o acto etiquetado no membro V é realizado por um texto linear, embora não haja bloqueio para a ocorrência de texto não linear.

Ex. 22. Um exemplo simplificado tornar isto claro.

23. Antes de discutirmos esta questão mais tarde, por conseguinte, é necessário definir produtores e consumidores de bens.

24. É importante, no entanto, distinguir entre sustento nominal e real.

O sinal da etiquetação antecipada deste tipo pode conter um verbo da mesma natureza de –construir, classificar, dar, fazer, examinar, mostrar, ilustrar, definir, distinguir, classificar, considerar, discutir, comparar, ver, noticiar, investigar-. No entanto nem todos os verbos acima alistados etiquetam actos de discurso. Os verbos "discutir", "ilustrar" e "distinguir" são sinais indiscutíveis de actos de discurso enquanto que "dar", "fazer",

"mostrar", "ver", não são pois só sinalizam um acto de discurso quando eles são seguidos de "enumeráveis". "Dar uma simples ilustração" é um acto de discurso, enquanto que "dar dinheiro aos pobres" não é pois refere-se a actos que tem lugar fora de um texto.

Este tipo apresenta como estrutura um *h* que frequentemente ocorre sem elementos opcionais da estrutura *pré-h* ou *pós-h*. Normalmente o *h* ocorre imediatamente depois do título de uma secção ou numa posição notável como a primeira frase do parágrafo. Em ocasiões raras quando o *pós-h* ocorre, ele é realizado por uma breve frase como no exemplo que se segue:

Ex. 25. *h*- Será usual olhar de forma rápida para algumas teorias antigas de valor.

Pós-h- Usualmente elas são similares, apresentado diferentes formas de valor da teoria de trabalho

4.2. 1.2. Etiquetação Antecipada do Tipo B. Sinais do membro V

Este tipo etiqueta um acto que terá uma realização não linear no membro D. O sinal através do qual reconhecemos o *h* é um verbo associado a uma classe limitada de palavras referindo-se a um texto não-linear (diagrama, tabela, gráfico) que indica que o acto ainda não ocorreu mas que vai ocorrer. O título do membro V é um item de referência textual que pode ser catafórico ou anafórico. Existem alguns mecanismos que nos permitem reconhecer se o acto ocorre antes ou não da etiquetação:

1- O (:) Com ou sem expressão catafórica do espaço textual, como "seguinte" ou "como segue".

Ex. 26. A seguinte tabela mostra como a população do mundo esteve mal nos passados 100 anos:

Ex. 27. A nova curva pode de certo modo sobrepor a velha:

2- Expressões referentes a tempo\ espaço textual ou itens anafóricos como "isto", "este", "aquele", "acima", que indicam onde o escritor fixa sua relação com o texto. Os sinais estão sublinhados.

Ex. 28. Uma segunda curva indiferente, B B , pode agora ser construída e...

Ex. 29. O ponto principal a enfatizar é que a competição de preços é igual ao custo marginal. Isto pode ser visto na tabela: xxix

3-Expressões indicando habilidade/possibilidade que podem ser actualizados no texto.

Ex. 30. O calendário de ordem acima pode ser representado graficamente

Ex. 31. Deste calendário de ordens é possível construir uma curva de ordens

No exemplo 30 a expressão sublinhada não indica somente que o acto ainda não ocorreu, mas que vai ocorrer de forma certa, o que difere, por exemplo, se quisermos dizer "o calendário acima pode ser representado graficamente na Pag.200".

Similarmente no exemplo 31 o uso do termo "é possível" indica que o acto de construir a curva não ocorreu mas que vai ocorrer.

4 – O acto etiquetado não pode ser performado antes da etiquetação.

Ex. 32. A tabela I mostra como a Lei da diminuição de retornos opera quando um montante fixo de terra é cultivado

Podemos dizer que a primeira tabela que irá ocorrer dentro do texto é a etiquetada, pois antes não ocorrera uma outra. Por outro lado, a página onde a frase com o acto etiquetado

ocorre pode ser referenciada, e dependendo dos elementos precedentes ela pode ter ocorrido antes ou irá ocorrer depois. Vejamos o exemplo que se segue:

Ex. 33. A estrutura dos fundos do banco pode ser vista na tabela LVII (Pág. 410)

Ex. 34. A tabela LVII da Pag 410 mostra a combinação de fundos de bancos
Ingleses nos últimos anos

No exemplo 33 a tabela é cataforicamente referida enquanto que em 34 é anaforicamente referida. Por outras palavras, a frase em 33 é preditiva e em 34 não.

De referir que a ocorrência de um outro elemento depois do membro V é raro. Em termos estruturais neste tipo, o h do membro V possui um item de referência textual que pode ser catafórico ou anafórico.

4.2.1.3. Etiquetação Avançada do Tipo C. Sinais do membro V

Este tipo etiqueta um acto de discurso no h de V. O acto é realizado por um texto não linear. O tipo C, simultaneamente, prediz dois actos a serem performados em D. O primeiro acto, como o predito no tipo B, é realizado por um texto não linear e o segundo por um linear Db que clarifica e interpreta símbolos especiais usados no texto não linear. O Db é diferente do pós-h, pois este último é um elemento opcional da estrutura, e no tipo B só ocorre quando a informação contida no h do membro V ou no seu pré-h não clarifica o texto não linear. No tipo C, onde nunca ocorre pré-h de V, o escrevente produz o texto não linear etiquetado e explica símbolos especiais nele contidos.

Neste tipo o sinal é "considere", seguido de um elemento que indica a ocorrência de um texto não linear. Como no tipo B, o acto etiquetado pode não ocorrer imediatamente a seguir, mas nunca se refere a um acto que ocorreu previamente. Vejamos o exemplo:

Ex. 35. Considere o seguinte diagrama (fig. 74) na página 301

Ex. 36. Considere o seguinte diagrama:

No exemplo 35 o acto etiquetado já ocorreu, por isso é considerado recapitulação, enquanto que em 36 o elemento catafórico indica que o acto vai ocorrer imediatamente a seguir. Este tipo apresenta uma estrutura simples. O h é realizado por uma proposição imperativa. Quando os dois pontos estão presentes depois do h, o pós-h é bloqueado. Passamos as ver o membro D.

4.2.2. Etiquetação Antecipada do Tipo A do membro D.

A função usual do membro D é cumprir a predição feita pelo membro V. O reconhecimento do membro D depende da clareza do acto etiquetado. Alguns actos como "lançar um olhar", "considerar" são generalizados e nestes casos concentração deve ser dada aos objectivos a considerar, enquanto que "definir", "ilustrar", "distinguir" são actos facilmente reconhecidos. Por vezes é difícil reconhecer o D quando a enumeração e a etiquetação antecipada vêm combinadas numa única frase. Segundo Tadros (1981) torna-se difícil fazer a classificação. Vejamos o exemplo a seguir, onde a linha tracejada representa enumeração, e a contínua etiquetação antecipada:

Ex: 37. Isto pode ser justificado em dois graus.

38. Aqui há dois pontos para notar.

39. Três classes de propriedade riqueza podem ser distinguidas.

Nestes exemplos temos um numeral que modifica o nome e uma etiquetação antecipada e importa distinguir qual das duas será materializada.

Para o efeito, é importante que primeiro se saiba se a predição feita pelas frases é satisfeita pela enumeração ou etiquetação antecipada, ou se estas se materializam separadamente. Nos exemplos 37 e 38 não se pode separar a etiquetação da enumeração mas estes casos são classificados de enumeração, porque a predição é satisfeita somente pela enumeração. No exemplo 39 as duas predições devem ser cumpridas: a primeira exige a enumeração de classes e a segunda a distinção entre estas. Para demonstrar este tipo de casos põem-se as classes a serem enumeradas entre parêntesis, e observa-se se a predição feita pela etiquetação antecipada continuará a querer ser satisfeita. Vejamos:

Ex. 42' Três classes de propriedade de riqueza - pessoal, negócio e social-
podem ser distinguidas.

O exemplo mostra que o escritor preocupa-se em distinguir os vários tipos de classes valendo aqui a etiquetação avançada.

4.2.3. Etiquetação Antecipada do Tipo B do membro D

Considera-se que o membro D deste tipo é facilmente reconhecido porque o h do D é sempre um texto não linear : gráfico, tabela, diagrama, curva, calendário, etc. Este ocorre sem pré-h, e a ocorrência de pós-h de D depende da informação avançada em h do membro V em termos de conteúdo. Isto quer dizer que o h do membro V não só faz etiquetação antecipada do acto a ser performado, mas também avança que tipo de informação vamos encontrar na tabela.

4.2.4. Etiquetação Antecipada do Tipo C do membro D

Neste tipo, o primeiro membro D, *Da*, é realizado por um texto não linear etiquetado pelo h do membro V, e segue-se a este o *Da* que é apresenta detalhes e ilustrações do que vem contido no *Da*.

CAPITULO V

Metodologia

O principal objectivo deste trabalho é observar a ocorrência de sinais predictivos no discurso de alguns alunos do quarto ano do curso de linguística e literatura.

Para o efeito, o objecto de estudo foi constituído por trabalhos finais de 25 estudantes da cadeira de Linguística Aplicada, leccionada no quarto ano de Linguística da Universidade Eduardo Mondlane, elaborados durante o ano lectivo 2002/2003.

A selecção dos dados consistiu, numa primeira fase, na leitura de cada trabalho, verificação da estrutura adoptada pelos alunos e a relação entre as sub-partes. Foi feita uma análise dos conteúdos de cada subparte tendo em conta a ocorrência do modelo de Tadros (1981) –pré-h, h e pós-h dos membros V e D, de modo a verificar a importância da predição em textos. No entanto, vejamos o sumário dos procedimentos:

- 1- Caso a predição seja satisfeita dentro da mesma secção, (isto é se o D ocorre dentro da mesma secção), então procuramos localizar um novo V. Caso a predição não seja satisfeita na mesma secção, procuramos localizar o D na sessão imediatamente a seguir.
- 2- Se o escrevente indica que o cumprimento da predição irá envolver investigação numa vasta área do texto- um capítulo, o capítulo seguinte, no decurso do estudo torna-se difícil achar o cumprimento da predição, estes casos não são incluídos neste estudo.
- 3- Caso haja indicação de que o elemento predictivo vai se materializar com mais de um D do o primeiro ocorre dentro da secção onde a predição é feita, e então procuramos o outro D na secção seguinte.

CAPITULO VI

Análise de Dados

Neste capítulo vamos fazer a análise dos dados. A análise será feita por categoria de forma isolada, e no fim farei a conjugação das duas categorias em estudo.

6.1. Categoria I: Enumeração

Esta categoria baseia-se no facto de o membro V predito ser materializado por mais de um membro D. Dos dados em análise encontramos alguns casos de sucesso nesta categoria

Ex. 1. V- As frases do primeiro texto são:

D1- (1). Ina lolo muthu amanega nari ni hiv nari mwalo SIDA? (Uma pessoa pode apanhar o vírus do HIV?)

D2- (2). Lisena, singo ginega! (sim e verdade)

D3- (3). Muthu angumanega nari ni hiv myaga nya mingi ngudizu.
(uma pessoa pode viver vários anos com hiv/Sida).

Estamos diante do critério I da enumeração, em que o verbo "ser" exige um complemento, o sujeito "as frases" está no plural e a estrutura da frase está por completar. Assim sendo, o V prediz fortemente uma enumeração e o D faz a enumeração de forma horizontal usando várias alíneas. Aqui, o membro V é uma frase sintacticamente incompleta, e o respectivo membro D realiza-se de forma linear. Neste tipo os dois pontos são necessários, porque caso este não esteja presente não haverá cometimento por parte do leitor para enumerar o elemento predito, este facto pode se observar no exemplo a seguir:

Ex 2. V - As frases do primeiro texto são inalolo muthu amanega nari ni hiv nari mwalo sida? Lisena, singo ginega! Muthu angumanega nari ni hiv myaga nya mingi ngudizu.

Vemos no exemplo acima que se tentamos trazer a informação dentro da sintaxe da frase que originalmente tem os dois pontos, a frase fica sem sentido.

A frase do primeiro exemplo pertencem ao tipo A, porque o complemento é providenciado na enumeração. Aqui a ocorrência do D é necessária em termos sintáticos, ficando visível a importância da gramática (aspectos formais), mas também da semântica pois o sentido da frase só fica completo após a enumeração (aspectos funcionais).

Ex. 3. V- Segundo Lee (1968) citado por Shridar defende que existem 5 hipóteses da Análise Contrastiva que são:

- D1- 1- a primeira causa da dificuldade é o erro na aprendizagem e interferência vinda da aprendizagem de línguas nativas.
- D2- 2- Essa dificuldade advém da diferença de duas línguas
- D3- 3- Essas diferenças é que mais agudizarão na aprendizagem
- D4- 4- O resultado da comparação entre as duas línguas
- D5- 5- aquilo que é para ensinar pode ser melhorado.

Estamos diante do critério I em que temos um verbo que exige um sujeito no plural "5 hipóteses" um complemento, e sua estrutura seguida de dois pontos que indica que esta não está completa e será completada pela enumeração em D. Nesta frase o enfoque não é para o número "cinco" mas sim para o substantivo que pertence ao grupo dos enumeráveis "hipóteses", e a seguir a enumeração das hipóteses esperadas pelo leitor, que

constituem informação nova para o contexto. No entanto apesar do enfoque ser para o numeral, existe uma relação com o enumerável.

No tipo A da enumeração, por mais que tenhamos um numeral e um enumerável, se o verbo não exige complemento, não estamos diante da enumeração, e identificamos alguns casos. Vejamos o exemplo que se segue:

Ex. 4. V - Nos provérbios podemos encontrar três características importantes:

D1- 1. Impessoalidade

D2- 2. Atemporalidade

D3- 3. Universalidade

Apesar de nos parecer, aqui não estamos diante da enumeração do tipo A, porque o verbo "podemos" não exige um complemento, a enumeração é do tipo C, onde temos um enumerável "características" e um numeral " 3"

Observamos que de acordo com o modelo no tipo A o pré-h e pós-h não ocorrem, porque são bloqueados pelos dois pontos, como podemos observar no exemplo que se segue:

Ex. 5. V-existem cinco hipóteses da análise contrastiva que são: Pré-h elas são de algum modo semelhantes:

D1- 1-.....

D2- 2.....

Pós-h Portanto vimos as cinco hipóteses da análise contrastiva.....

Observamos que a ocorrência de pré-h e pós-h no V, logo a seguir do verbo que requer complemento torna a frase agramatical, e o pós-h constitui uma repetição do V, o que mostra que no discurso a forma e a função ambos são importantes para a compreensão e interação.

Encontramos, nos dados analisados, que nem todas as frases que obedecem ao critério I, enumeram tendo em conta uma ordem temporal ou espacial.

Ex.6 V- O casamento civil pode ser:

D1 - Em regime de comunhão de bens

D2 - Em regime de comunhão de bens adquiridos

D3 - Em regime de separação de bens

Os exemplos acima fazem parte do critério I, vejamos agora exemplos que obedecem as regras do critério II, pertencentes ao tipo B:

Ex. 7. V- De acordo com Shridar (1981), a análise de erros consiste nos seguintes passos:

D1- 1-recolha de dados

D2- 2-identificação dos erros

D3- 3-classificação dos erros em tipos de erros

D4- 4-balanço e frequência relativa dos tipos de erros

D5- 5-Identificação de dificuldades na língua alvo

D6- 6- terapia

Estamos diante da predição de enumeração, com a presença de elementos que obedecem ao *critério II*. O anúncio feito pelo catafórico "seguinte" em associação com o substantivo no plural "passos" que se localizam no membro V, são materializados no respectivo membro D que faz a enumeração de forma horizontal por alíneas, isto é, obedecendo uma certa ordem. Esta frase pertence ao tipo B porque apresenta um item de espaço, o catafórico "seguinte". No entanto, nem sempre a enumeração é feita de forma linear como se pode observar no exemplo que se segue:

Ex. 8. V- Em Português a informação sobre o tempo, modo, género, vogal, pessoa temática e o número, são sufixados ao radical verbal como ilustram os seguintes quadros:

- D1- Quadro I
- D2- Quadro II
- D3- Quadro III.

Conforme podemos depreender, tal como no exemplo anterior, temos a presença do elemento catafórico "seguintes" associado ao substantivo "quadros" no plural, o que torna a frase típica da enumeração do tipo B. Mas ao contrário do exemplo anterior, aqui o membro D é satisfeito de forma não linear (tabular), e responde ao anunciado em V.

Vejamos agora frases que obedecem ao *critério III*:

Ex. 9 V-Uma base racional para uma análise contrastiva deve ser composta principalmente por três fontes tais como:

- D1- a) experiência prática do professor de língua estrangeira
- D2- b) Estudos de contactos de língua em situação bilingue
- D3- c) teoria de aprendizagem

Estamos diante do *critério III* em que temos um nominal do grupo dos enumeráveis "fontes" que inclui um numeral exacto "três" e a informação dada por D é nova para o contexto, por essa razão o V é preditivo da enumeração e as fontes apresentadas em D tem uma relação com o V.

Ex. 10. V- Existem 3 dimensões fundamentais para interpretar os provérbios.

- D1- 1-Dimensão linguística
- D2- 2- Dimensão histórica

D3- 3- Dimensão social

Estamos diante do *critério III* de enumeração em que temos um numeral "3" e um enumerável "dimensões" no membro V. Esta enunciação de enumeração é feita em D. Há uma relação entre o título do membro V com o do D que é de coesão lexical. A palavra dimensão é reiterada .

Mas como dissemos no início desta análise, nem todos os casos analisados obedecem aos critérios de enumeração. Em muitos casos, mesmo tendo os elementos de predição presentes no membro V, esta não é satisfeita. Vejamos os exemplos:

Ex 11. V- Outros contrastes salientam-se nos exemplos que se seguem:

D1- Wevbi ni wevbi muthu angu khala agimana girengwanana nya
HIV. (Qualquer pessoa ode apanhar HIV).

Conforme se observa neste exemplo, o catafórico "se seguem" associado ao substantivo no plural "exemplos" indica-nos que a frase pertence ao *critério II* no entanto não estamos perante um caso de enumeração porque o membro D é materializado por apenas um elemento, por isso a predição não é satisfeita. Mas dados há que nos indicam que nem sempre a presença do catafórico "seguinte", exigido pelo *critério II* satisfaz a predição por si, é importante que este seja sempre acompanhado de um substantivo no plural para que de facto estejamos diante de um caso de enumeração. Vejam-se os exemplos:

Ex. 12. V- Veja-se o seguinte exemplo.

D- Wahaavo?

No membro V deste par de frases, temos presente o elemento catafórico "o seguinte" que responde em parte ao *critério II* da enumeração, no entanto ele vem associado a um substantivo no singular, por essa razão o membro D é composto apenas por um único

elemento e não se pode considerar este caso de enumeração. O mesmo facto observa-se no exemplo que se segue:

Ex. 13. V- No primeiro texto, com o título "uma pessoa pode ter o HIV... e não ter SIDA" Veja-se a seguinte frase:

D- (22). Ina lolo muthu amanega nari ni HIV nari mwalo SIDA? (Uma pessoa pode ter o HIV e não ter SIDA?)

Nestes exemplo não estamos diante da enumeração. Por outro lado, há casos em que o membro V faz a predição da enumeração de acordo com os critérios exigidos, o membro D faz o cumprimento desta predição, no entanto são infringidas regras quanto ao ordenamento. Vejamos os exemplos:

Ex. 14. V- Quando o divorcio é litigioso pode tomar as seguintes formas:

D1- Divórcio por convenção

D2- Divórcio provisório

D3- Divórcio sanção

D4- Divórcio definitivo

A presença do catafórico "seguintes" associada ao substantivo plural "formas" torna a frase predizível da enumeração, no entanto, o membro D peca, ao não fazê-lo de acordo com as regras de enumeração, isto é, não há sequência ordenada e marcada dos itens apesar de haver coesão lexical, o que é essencial para o discurso. O mesmo se observa com o exemplo a seguir, em que o membro D é apresentado de forma horizontal e sem nenhum ordenamento temporal:

Ex. 15 V- Os tabus de linguagem dividem-se em 3 grupos distintos, de acordo com as motivações psicológicas que estão por detrás deles: D1. uns são devido ao

medo, D2 outros a um sentimento de delicadeza, D3 outros ainda a um sentido de decência e de evitação de pronúncia de certos termos...

Aqui é feito o anúncio de enumeração com traços pertencentes ao *critério III*, isto é, temos um numeral exacto e um enumerável, no entanto a enumeração não obedece a nenhum critério, o que cria ruído na coesão textual, a menos que os membros V e D estivessem separados através do traço de união.

Dos dados analisados observamos a ocorrência dos três tipos enumeração. No tipo A ocorrência de dois pontos chama atenção ao leitor sobre o que vai acontecer contribuindo para a interação. A ocorrência de D e V em frases diferentes cria sentido no discurso. No tipo B o elemento catafórico faz referência para ocorrência de um acto de discurso num dado espaço textual. No critério II encontramos casos de coesão lexical entre os membros D. Não encontramos a materialização da estrutura proposta por Tadros (1981), isto é só temos a ocorrência dos membros V e D e não dos elementos complementares.

6.2. Categoria II: a Etiquetação Antecipada

A etiquetação antecipada consiste na apresentação, pelo escritor, de um acto de discurso no membro V, que será performado no membro D que é, neste caso, uma frase diferente do V. Pertencem a esta categoria as frases que obedecem a todos os critérios de especificidade porque nenhum critério por si funciona. De acordo com o modelo adoptado, o sinal da etiquetação antecipada localiza-se no h do membro V.

Ex. 16. Título- 2.2. Expressões referentes a morte no cicope

V- Neste item, passamos a listar as expressões referentes a morte no cicope.

D1- A mwanwi ngu lifo- encontrou a morte

Pós-h – A expressão acima existe no português e no cicope, na medida em que a tradução...para a expressar a morte.

D2- A pinde mmafuri- passou da terra

Pós-h - Nesta expressão nota-se que há em comum entre a morte e passar da terra a ideia de não presença...dai a metáfora.

D3- Amwalate- desapareceu

Pós-h - Neste expressão nota-se que o cicope recorre a uma relação de sinonímia. Esta relação não funciona...na mesma acepção.

No exemplo acima observamos que o membro V ocorre imediatamente depois do título da secção precedido do numeral. Não há ocorrência de pré-h e pós-h de V. O acto etiquetado em h de V do discurso é "listar", em que o escritor terá de listar expressões referentes a morte no cicope. As expressões listadas são reconhecidas como membro D1, D2, e D3, no entanto estes apresentam cada um pós-h que faz o comentário da expressão dada. Esta frase pertence ao tipo A.

Nesta categoria, no entanto, nem todos os verbos são considerados de etiquetação antecipada, alguns só são reconhecidos como etiquetas de actos de discurso quando acompanhados por substantivos enumeráveis.

Ex.17. V- A seguir faremos uma revisão bibliográfica como forma de dar mais consistência ao nosso trabalho.....

Conforme se observa aqui, o verbo não etiqueta um acto de discurso, por essa razão esta frase é excluída da etiquetação avançada, apesar de implicitamente predizer uma etiqueta, pois esta será materializada numa vasta área do texto .

Neste tipo o acto etiquetado materializa-se no membro D de forma linear, apesar de não haver bloqueio para a ocorrência da forma não linear.

Ex.18. Título 2.2. Frases Usadas no Casamento em Português

V. Neste subcapítulo, vamos mostrar frases usadas em dois tipos de casamentos muito comuns na cidade e em Português.

D. No acto do casamento civil, o conservador, pessoa que dirige a cerimónia...

Na frase acima o membro V etiqueta um acto de discurso "vamos mostrar frases" e posiciona-se na primeira frase depois do título. No entanto o acto etiquetado não é performado imediatamente a seguir, ele ocorrerá numa vasta área do texto.

Apesar de não se localizarem junto ao título, algumas frases destacam-se como a primeira na frase e pertencem ao tipo A.

Ex. 19. Pré-h - Analizamos aqui o tipo de frases simples que englobam as frases tradicionalmente classificadas como imperativas, cujos verbos encontramos através da atitude que o locutor assume.

5.Consideremos os seguintes exemplos:

- 1.Come sopa!
- 2.Comam sopa!
- 3.Calou!
- 4.Andando!
- 5.partir

Pós-h Podemos constatar que os exemplos 1 a 5 exprimem ordem por ocorrência dos modos imperativo, conjuntivo e indicativo, infinitivo e das formas verbais de gerúndio.

Nesta frase o acto etiquetado é "consideremos", e o escrevente quer nos levar a ver exemplos de "tipo de frases simples que engloba as frases tradicionalmente..." anunciadas no pré-h de V. Assim em D temos a lista dos exemplos de 1 a 5, onde o D é constituído por frases imperativas temos a presença de pré-h, mas tal como o modelo de Tadros, o pós-h faz um comentário que complementa para o leitor a informação apresentada em D explicando-o.

Estivemos até ao momento a ver frases do Tipo A. Em relação ao tipo B, cujo membro V é uma frase declarativa e o verbo associado a palavras referentes a textos não lineares, prediz um membro D não linear.

Ex. 20. Pré-h. Em Português a informação sobre o tempo, o modo, o género, pessoa, vogal temática e o número são sufixados ao radical verbal V como ilustram os seguintes quadros:

D1- Quadro I: Marcas pré-verbal no verbo em Gitonga

D2- Quadro II: A marca pós verbal do passado Gitonga

D3- Quadro III: A posição pós-verbal das categorias flexionais

Pós-h - Os quadros i, II, III resumem as estruturas verbais diferentes entre o gitonga e o português.

Observamos no exemplo acima o membro V "como ilustram os seguintes quadros", etiqueta um acto que é materializado no membro D de forma não linear. A etiquetação do acto é acompanhada pela presença do catafórico "seguinte", que indica o espaço



textual em que o D vai ocorrer. O h de V "seguintes" é antecedido por um pré-h, que apresenta a informação que constará no membro D, apesar de a frase possuir um pós-h que não se revela indispensável pois acrescenta, apesar de poucos, dados contidos nos membros D.

Dos dados observados não encontramos casos de uso de um anafórico para a contextualização, bem como, não encontramos nenhum caso de etiquetagem de tipo C, em que o h de D (Da) é seguido de um outro Db com a interpretação pormenorizada do conteúdo deste.

Ex. 21. h- ...podemos representar os principais marcadores discursivos no Emakhwa e no português sob forma de quadro:

1.1. Marcadores Discursivos

Emakhwa	Português
Discurso marcado	Discurso não marcado
Discurso independente	Discurso baseado em princípios religiosos

Pós-h O quadro 3.1 mostra-nos os principais....

No exemplo acima temos a presença de uma expressão que indica possibilidade de ocorrência imediata. O h do membro V indica-nos o tipo de material a encontrarmos no membro D. Neste caso temos pós-h que explica a informação contida na tabela, só que neste caso ele não é essencial pois a informação já foi dada no V.

Existe uma relação entre a enumeração e a etiquetagem antecipada, pois, por vezes elas vêm combinadas:

Ex. 22. Assim, tentaremos encontrar os três tipos de questões da análise contrastiva acima referidos...

Temos a presença de um *numeral 3* que modifica o *nome questões* e de um verbo que antecipa a ocorrência de um acto. Aqui o acto considerado é de enumeração, apesar de os dois, etiquetação antecipada e enumeração, não se puderem separar. A predição é satisfeita por enumeração e não por etiquetação.

A relação entre a etiquetação e enumeração é visível no exemplo que se segue:

Ex. As características da macrolinguística são as seguintes:

- 1- mais preocupação com a competência linguística no sentido de Chomsky
- 2- tentativa de descrição de eventos linguísticos com os seus contextos extra-linguísticos

Neste caso o enfoque será para o catafórico "seguintes" que etiqueta de forma avançada um acto discursivo. Aqui o membro D demonstra as características da macrolinguística, e não faz a enumeração, o enfoque é dada ao "enumerável"..

Dos dados analisados constatamos a estrutura pré-h, h e pós-h de D, apesar de nos casos identificados o pós-h não é informacionalmente importante, e em casos onde este não é atencido por um membro D não linear.

Em alguns casos o elemento catafórico, que é forte nesta categoria torna-se fraco, quando a materialização dá-se numa vasta área do texto.

CAPITULO VII

Conclusões e Recomendações

Neste capítulo vamos apresentar as conclusões finais do presente estudo. O estudo tinha como objectivo ver a ocorrência da predição no discurso escrito e verificar qual é a importância dos sinais linguísticos que esta apresenta para a compreensão do discurso escrito.

De acordo com o modelo de Tadros (1981) foram analisados trabalhos elaborados por estudantes do quarto ano do curso de linguística da Universidade Eduardo Mondlane e concluímos que :

- 1- Dos 25 trabalhos em análise, 22 apresentam traços frequentes de predição, e em casos onde estes são convenientemente usados, isto é, o acto predito no membro V é materializado, a compreensão da mensagem é fácil e há interacção entre o leitor e o escrevente. Destes casos 6 apresentam traços de enumeração e etiquetagem antecipada, e os restantes apresentam somente casos ou de etiquetagem ou de enumeração.
- 2- Entre as duas categorias, a enumeração é que constitui grande parte de casos encontrados, sendo que os tipos II e III ocorrem com maior frequência. Apesar da estrutura completa proposta por Tadros (pré-h, h e pós-h de V e D), só estar presente na etiquetagem antecipada, a ausência desta não influencia na interacção caso V e D ocorram de forma correcta. Ainda nesta categoria, foram apenas localizados nos dados ocorrência dos tipos A e B, com incidência para A.
- 3- Constatamos que mesmo onde os sinais preditos não se fazem presente, os sinais sintácticos ocorrem, mas estes não são suficientes para transmitir a intenção do

escrevente, ou para o leitor deduzir o que o escrevente quer dizer, pois, são meramente gramaticais, tem a sua importância a nível interno da frase, mas quando ultrapassam a frase tornam-se irrelevantes em termos funcionais, daí a importância da função e da forma no discurso, que permite clareza e consequentemente a interação.

- 4- As categorias relacionam-se entre si de tal modo que por vezes a ocorrência de uma é determinante para a outra.
- 5- A predição revela-se importante pois demonstra que o escrevente não somente está preocupado em apresentar factos e ideias ao leitor, mas que tais ideias sejam perceptíveis de modo que haja descodificação e que a mensagem seja de facto percebida.

Importa no entanto dizer que ao longo da análise observamos a ocorrência de outras categorias como a recapitulação e o relato; no entanto estas não foram seleccionadas para este estudo, e por essa razão recomenda-se que em futuros estudos seja feita uma análise sobre a ocorrência destas.

Muito ficou por se estudar, pois a predição é um tema vasto, que envolve várias categorias e dentro delas especificidades que não se esgotam numa dissertação de licenciatura, e sobretudo que se relacionam com outros níveis de análise do discurso, como é o caso do Tema e Rema. Para futuros estudos, uma análise profunda ao comportamento do Pré-h e pós-h de D e V seria interessante, pois ajudaria a entender que estes também se revelam importantes para o V e D, na medida que especificam mais a informação.

Bibliografia

- Austin, J.L. (1962). *How to do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press.
- Brown, G. & Yule, G. (1983). *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Christensen, F. (1969) *A generative rhetoric of the paragraph*. In Love, A.G e Payne, M (eds)
- Coulthard, M. (1977). *An Introduction to Discourse Analysis*. London: Longman.
- Cooper, M.. (1908) "Written Text: *Its Structure, Organization and Interpretation*". English Language Research,. University of Birmingham,
- Cunha, C. e Cintra, L. (1991). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa Edição João Sá da Costa.
- de Saussure, F. (1978). *Course in General Linguistics*. Dom Quixote
- Gleason, H.A. (1965). *Linguistics and English Grammar*. New York: Holt,.
- Grice, H.P (1975) *Logic and Conversation*, in Cole e Morgan (eds), 1975.
- Halliday, M.A.K. (1967). *Notes on transitive and theme in English*. In *Journal of Linguistics*, Vol 3.
- Halliday, M.A.K. (1978). *language as social semiotic*, London: Edward Arnold.
- Halliday, M.A.K. e Hassan, R. (1976). *Cohesion in English*. 1ª edição. London: Longman.

Hoey, M.P. (1979). *Signalling in Discourse*, Discourse Analysis Monographs Num. 6, English Language Research, University of Birmingham.

James, C. (1980). *Contrastive Analysis*. London: Longman.

Katz, J.J e Fodor, J.A (1963). *The structure of semantic theory*. In *Language* 39.

Lackstrom, J. Selinker, L. Trimble, L. (1972). *Technical choice*, (first presented papers at the Third International Congress of Applied Linguistics. Copenhagen.

Longacre, R.E. (1979). The Paragraph as a grammatical Unit. Ins Givon, T (ed), New York, Academic Press

Lopes, A. J. (1986). Interlingual Discourse: Mozambican-Portuguese to English. Tese de Doutoramento (não publicada), University of Wales, Grã-Bretanha.

Lopes, A. J (1987). The role of prior language on target language discourse processing. Comunicação apresentada à II Conferencia da LASU (Linguistics Association for SDAC Universities). Sumário publicado em *The Second Conference Report*, editado por A Pongweni.

Mateus, M. H.M., Brito, A.M, Duarte, I, Faria, I. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa Editorial Caminhos.

Montgomery, M.M. (1977). Some Aspects of Discourse Structure and Cohesion in Selected Science Lectures (tese não Publicada), University of Birmingham.

Paliche, C. (2003). Ensino Bilingue em Moçambique- A Problemática das Línguas Estratégicas de selecção e Leccionação das Línguas Bantu. Tese de licenciatura (não publicada), Universidade Eduardo Mondlane.

Searle, J.R. (1969). *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sinclair (1980). *Some Implications of Discourse Analysis for ESP Methodologic and implied Linguistics*. Oxford: Clarendon Press.

Shridar, S. N. (1981). *Contrastive analysis, error analysis and interlanguage: Three phases of one goal*. In Fisiack, J. (1981) (ed.). *Contrastive Linguistics and the Language Teach*. London: Pergamon.

Tadros, A. (1981) *Linguistic Prediction in Economics Text*. PhD Thesis. Department of English. University of Birmingham, UK

Van Dijk, T.A. (1977) *Text and Context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*. London. Longman.

Widdowson, H.G. (1978). *Teaching Language as Communication*. Oxford: Oxford University Press.

Winter, E.O. (1977) *A clause relational approach to English texts: A study of some predictive lexical items in writer discourse*, *Instructional Science*, Vol. 6. Amsterdam Elsevier Scientific Publishing Company.

Anexos

CATEGORIA I. ENUMERACAO

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe de membro	Exemplo
I ¹	Elidio Nhamona	6	V. D1 D2. D3.	As frases do primeiro texto são: 1. Ina lolo muthu amanega nari ni hiv nari mwalo SIDA? (Uma pessoa pode apanhar o vírus do HIV?) 2. Lisena, singo ginega! (sim e verdade) 3. Muthu angumanega nari ni hiv myaga nya mingi ngudizu. (uma pessoa pode viver vários anos com hiv/Sida).
I	Elidia Jacques	3	V. D1. D2. D3.	Segundo Lee (1968) citado por Shridar defende que existem 5 hipóteses da análise contrastiva que são: 1. a primeira causa da dificuldade e erro na aprendizagem é interferência vinda da aprendizagem de línguas natas. 2. Essa dificuldade advém da diferença de duas línguas 3. 3- Essas diferenças é que mais agudizarão na aprendizagem

¹ A enumeração que obedece a este critério pertence a estrutura do Tipo A, pois apresenta o sinal de dois pontos que demarca o fim do membro V e início de D, o verbo da frase requer um complemento e o nome está no plural. Aqui, a frase é sintacticamente incompleta mas o verbo não está separado do seu complemento O V do Tipo A não pode ser seguido do pós-h ou pré-h de D.

			D4. D5.	4. O resultado da comparação entre as duas línguas 5. Aquilo que é para ensinar pode ser melhorado
II	Pedro Massimaculo	2	V.- D.-	Veja-se o seguinte exemplo. Wahaavo?
II	Francisco Vicente	10	V. D1. D2.	Por outro lado os falantes do português tenderão a usar as seguintes expressões: 1. Nunca mais o veremos 2. Já não pertence a este mundo
II ²	Luís Zucula	6	V. D1. D2. D3 D4 D4	... Vamos dirigir a nossa atenção sobre os aspectos que se seguem: - texto - Análise contrastiva - Lacunas lexicais - Enunciador vs. enunciado - transferencia semântica
II	Leonildo Funzamo	7	V. D1. D2. D3.	... Propõe ainda 3 estágios principais de análise de erros a seguir: a) Identificação de erro b) Classificação do erro em categorias linguísticas c) Classificação do erro de acordo com as causas do erro

² As frases que pertencem a este critério fazem parte da enumeração de Tipo B, isto é, aquela que apresenta o seu membro V como uma frase sintacticamente completa. Os elementos catafóricos presentes na frase, em associação com substantivos no plural, tornam a frase autêntica. Aqui o pós-h não ocorre, ele é bloqueado pelos dois pontos

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe de membro	Exemplo
II	Elidia Jacques	6	V. D1. D2. D3 D4	Quando o divórcio é litigioso pode tomar as seguintes formas: - Divórcio por convenção - Divórcio provisório - Divórcio sanção - Divórcio definitivo
II	Elidia Jacques	4	V D1. D2. D3.	São características da macrolinguística as seguintes: - Mais preocupação com a competência linguística - Tentativa de descrição de eventos linguísticos... - Procura para unidade da organização linguística maior...
II	Francisco Vicente	12/13	V. D1. D2. D3.	Por outro lado os falantes do cicopi vão usar as seguintes expressões: 1. Adiya fumwa ngu jehova (foi ser Governado por Jehová) 2. Ayide ntinika cikwembo (foi para casa de Deus) 3. Aduialede sobiha, konko abaside (tinha vindo para o mal agora esta limpo)

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe de membro	Exemplo
II	Francisco Vicente	12	V. D1. D2. D3. D4.	<p>Das expressões que listamos, os falantes do Português usarão as seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. 1. Jesus sacrificou sua vida 2. "Ele disse estas coisas e depois lhe disse Lázaro nosso amigo, foi descansar mas eu viajo para lá para o despertar do sono. Os discipulos disseram, portanto : senhor se ele foi descansar, ficará bom. Jesus falar porém da morte dele.".. 3. Alem disso irmãos, não queremos que estejaisignorantes no que se refere aos que estão dormindo na morte, para que não estais pesarosos como os demais que não tem esperança. 4. 4. Entregou a alma ao criador!
II	Mauro Ângelo	6	V. D.. D2. D3. D4.	<p>Tal é também o caso dos contrastes que apresentamos a seguir:</p> <p>(XVI) O carro travou bruscamente</p> <p>(XvII) Mova unyime yikucweeee!</p> <p>(VIII) O carro parou lentamente</p> <p>(XiX) Mova unyime yikujiii</p>
	Celeste	2	V. D1.	<p>O changana tem várias variantes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Hlangano, falada na região sul da Província de Maputo e parte do norte nomeadamente nos Distritos de Nagata, Moamba e magude;

III	Musseque jua		D2.	2. Dzonga, falada numa parte do Distrito de Magude, distrito de Bilene e parte do Distrito de Massingir na Província de Inhambane;
			D3.	3. N'walungu, falada no Distrito de massingir em Inhambane;
			D4	4. Bila, falado em Gza distrito de Limpopo e parte do distrito de hibuto;
			D5.	5. Hlemgwe, falada nos distritos de Xai-xai, Majnacaze, Chibuto, Guijá, Chcualacuala na província de Gaza e nos Distritos de Panda. Morrumbene, Massinga, Vilankulo e Govuro na Província de Inhambane.
II	Abdul Kadri	8	V	...Os pronomes de tratamento estão associados as formas da terceira pessoa do singular ou plural, vejamos os seguintes exemplos:
			D1.	(1)a. Como é que tu suportas o teu namorado?
			D2.-	b. Hoje tu não irás a tua escola.
			D3	(2)a. Você consegue varrer o seu quintal?
			D4	b. Você escondeu o seu casaco.
II	Abdul	9	V.	verifica-se que ocorrem, numa mesma frase, formas verbais flexionadas segunda pessoa do singular e a forma você, como podemos ver nos exemplos que se seguem:

	Kadri		D1.	(5)a. Podes contar, eu estava pensando que você
			D2.	b. Se arrancas o salário, você vai passar mal
			D3.	c. Que vai fazer se voltar a encontrar-lhe
			D4.	d. Se você não tira, não entra também
II	Almeida Nhampa	1	V.	A nossa pesquisa é constituída pelas sessões que a seguir indicamos:
			D1.	1-Introdução onde se faz uma breve apresentação do trabalho, dos objectivos, da motivação da importância do estudo e a delimitação do objecto de estudo;
			D2.	2-Revisão bibliográfica onde passamos em revista algumas teorias relacionadas com a análise contrastiva, neste caso, fazemos uma resenha bibliográfica, de forma a obtermos um enquadramento teórico, da análise contrastiva entre o chwabo e o Ekoti, relativa às aberturas conversacionais;
			D3.	3-Metodologia de recolha de dados onde indicamos os métodos preferidos e a fonte que serviu de base para a recolha dos dados, quer do Ekoti quer do

			D4.	Echwabo; 4-Analise de dados onde se faz análise de cada caso apresentado para discussão;
			D5.	5-conclusões, nesta secçãoé feita a sístese desta trabalho e são passadas mais uma vez em revista, os receios, as hesitações e as perspectivas.

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe de membro	Exemplo	Observações
II	Abida aziz	6.	V.- D1.- D2.- D3.- D4.- D5.- D6.-	De acordo com Shridar (1981), a análise de erros consiste nos seguintes passos: 1-recolha de dados 2-identificacao dos erros 3-classificacao dos erros em tipos de erros 4- balanço e frequência relativa dos tipos de erros 5-Identificacao de dificuldades na língua alvo 6- terapia	
II	António Mangué	8/9	V. D1. D2. D3. D4.	Vejam os exemplos que se seguem: A: Zviri kuita qari?(como e que vai?) B: Zviri ku bamba (está tudo bem) A: Kumba, anitamba here? (em casa como estão?) A: Apshasari, anotamba here? (os velhos como estão?)	
II	Elidio Nhamona	9.	V.- D.-	No primeiro texto, com o título "uma pessoa pode ter o HIV... e não ter SIDA" Veja-se a seguinte frase: (22). Ina lolo muthu amanega nari ni HIV nari mwalo SIDA? (Uma pessoa pode ter o HIV e não ter SIDA)	Não estamos diante de um caso de enumeração

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe de membro	Exemplo	Observações
II	Elidio Nhamona	14	V. D1. D2 D3	Em Português a informação sobre o tempo, modo, género, vogal, pessoa temática e o numero, são sufixados ao radical verbal como ilustram os seguintes quadros: - Quadro I - Quadro II - Quadro III.	
II	Elidio Nhamona		V. D1.	Outros contrastes salientam-se nos exemplos que se seguem: Wevbi ni wevbi muthu angu khala agimana girengwanana nya HIV. (Qualquer pessoa pode apanhar HIV)	Não estamos diante de enumeração
III ³	António Mangue	2	V. D1. D2. D3.	...Uma base racional para uma análise contrastiva deve ser composta principalmente por três fontes tais como: a) experiência prática do professor de língua estrangeira b) Estudos de contactos de língua em situação bilingue c) teoria de aprendizagem	
III	Almeida Nhampa	3	V. D1. D2. D3.	Esta língua apresenta 3 variantes a saber: a)Echuwabo b)Ekarungo c)Marindje	

³ As frases que obedecem a este critério pertencem ao Tipo C. Elas são sintacticamente completas com a presença de um numeral que pode ser exacto ou não. Não é imperioso que tenhamos casos somente de dois pontos, no entanto nos dados que encontrei não há.

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe de membro	Exemplo	Observações
III	Almeida Nhampa	7.	V.	<p>Para dar conta da análise contrastiva entre Ekoti e Echwabo das aberturas conversacionais, optamos por elaborar um design misto, isto é, por um lado, seguimos o princípio do trabalho proposto por Shridhar (1981:222), no qual seleccionamos algumas frases do método, a saber:</p> <p>a) Seleção da amostra onde cada sujeito representa a população alvo, com as mesmas possibilidades de ser escolhido, isto é, o falar de um jovem ou um velho por exemplo não representa exclusivamente aquele jovem ou velho específico assim, mas sim um membro da população.</p> <p>b) Recolha de dados, foi realizada mediante uma entrevista concedida pelo senhor José Mucussete, natural de angoche, falante de Ekoti como L-1, de 37 anos de idade..</p> <p>c) Classificação linguística dos dados, uma vez que estamos cientes de que a nossa análise</p>	
			D1.		
			D2.		
			D3.		

			D4	<p>contrastiva pode ser analisada ao nível da forma e função, cada produção de uma abertura conversacional, do Ekoti assim como do Echwabo, deve determinar o índice de segurança quanto ao conhecimento do termo expresso.</p> <p>d)A análise dos dados e a exposição dos resultados não fazem parte desta secção por julgarmos que merecem outro tipo de tratamento</p>	
III	Claudia Marisa	4	<p>V.</p> <p>D1</p> <p>D2.</p> <p>D3.</p>	<p>... Existem 3 dimensões fundamentais para interpretar os provérbios:</p> <p>1-Dimensão linguística</p> <p>2- Dimensão histórica</p> <p>3- Dimensão social</p>	
III	Claudia Marisa	5	<p>V.</p> <p>D1.</p> <p>D2.</p> <p>D3.</p>	<p>Nos provérbios podemos encontrar 3 características importantes :</p> <p>1-impessoalidade</p> <p>2- temporalidade</p> <p>3- Universalidade</p>	
III	Celeste Mussequejua	3	<p>V.</p> <p>D1.</p> <p>D2.</p> <p>D3.</p>	<p>...as questões de contraste podem ser de 3 tipo:</p> <p>1- onde?</p> <p>2-Como?</p> <p>3- Até que ponto?</p>	

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe de membro	Exemplo	Observações
III	Cláudia Miranda	4-5	V. D1. D2 D3.	Esta análise foi influenciada por 3 aspectos da gramática transformacional: 1- A base Universal da hipótese 2- A distinção entre a estrutura de fundo e de superfície 3- A distinção rigorosa e explícita do fenómeno	
III	Vânia Gaspar	Pag5	V. D1. D2.	Para uma melhor compreensão, passamos agora alguns exemplos: a. Essavi ihokhalana pipi-pipri inosiva (o caril tem muito pipi-pipri e estou a gostar) b. Mwanaco ihokhalana ilimao, inosiva (galinha tem muito piri-pipri estou a gostar)	
III	Adelina Sete	2	V. D1. D2. D3.	Para melhor entendimento desta pesquisa é necessário primeiro clarificar alguns conceitos que irão servir de base na discussão do tema: a) Macrolingística b) Análise contrastiva c) Actos de fala	

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe de membro	Exemplo	Observações
III	Eduardi na Gamito	3	V D1. D2. D3.	<p>A macrolinguística possui 3 áreas fundamentais:</p> <p>(1) A preocupação pela competência comunicativa amais importante do que a competência linguística de Chomsky;</p> <p>(2) A tentativa de descrever eventos linguísticos dentro das posições extralinguísticas;</p> <p>(3) Procura de unidades linguísticas organizadas maiores do que as frases simples;</p>	
III	Elidia Jacques	2	V. D1. D2. D3	<p>Como base da análise contrastiva existem 3 fontes a saber:</p> <p>a) Experiências práticas de ensino de línguas estrangeiras</p> <p>b) Estudo de contacto de línguas</p> <p>c) teoria de aprendizagem</p>	
III	Elidia Jacques	4	V. D1.	<p>A análise contrastiva pode ser feita em dois níveis:</p> <p>- Nível formal, que esta relacionado com a parte vertical. Tem a ver com a configuração dos próprios textos.</p>	

			D2.	- Nível funcional , preocupa-se com a maneira como se faz o uso da língua, por isso relacionado com o âmbito horizontal.	
--	--	--	-----	---	--

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe de membro	Exemplo	Observações
III	Elidia Jacques	5	V. D1. D2	O casamento na cidade pode ser: - Civil, o que é contraído perante a autoridade civil - Religioso, o que é contraído segundo a lei religiosa dos nubentes.	
III	Leonildo Funzamo	7	V. D1 D2. D3.	Há três tipos de casos à considerar para o uso das proposições: a)Supressão indevida de uma preposição que deveria acompanhar... c) Adição indevida de uma preposição a um argumento c) Uso de uma preposição distinta daquela que deveria acompanhar	

III	Luís Zucula	3	V. D1. D2.	Na língua portuguesa podem ocorrer os seguintes fenómenos: (1.a) Tu queres beber água. (1.b) Tu queres beber água?	
-----	----------------	---	------------------------------	--	--

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe de membro	Exemplo	Observações
III	Luís Zucula	6	V. D1. D2. D3.	...passando a falar de 3 funções básicas da linguagem. - função ideacional - função interpessoal - função textual	
III	Luís Zucula	7	V. D1. D2 D3	...propondo 3 aspectos da função da linguagem: - actos de fala - conteúdo preposicional - estrutura temática	
III	Luís Zucula	3	V.	Os tabus de linguagem dividem-se em 3 grupos distintos, de acordo com as motivações psicológicas que estão por detrás deles: uns são devido ao medo, outros a um sentimento de delicadeza, outros ainda a um sentimento de decência e de evitação de pronúncia de certos termos...	Não estamos diante da enumeração
III	Luís Zucula	3	V.	As 3 grandes esferas afectadas pelo tabu de decência são: o sexo, certas partes e funções do corpo humano e os juramentos	Não estamos diante da enumeração
III	David António	3	V D	Em contra partida <u>há diferenças em alguns aspectos.</u> As mais gerais tem a ver com o facto de (i) em ciutee haver abundância... (ii) a forma dos modais em ciutee...(iii) Dos elementos do verbo, a MS...(iv) a última diferença...	

III	Elidia Jackes	5	V	O casamento civil pode ser: - Em regime de comunhão de bens - Em regime de comunhão de bens adquiridos D3 - Em regime de separação de bens	
-----	------------------	---	---	---	--

CATEGORIA II ETIQUETAÇÃO ANTECIPADA

Tipo de enum.	Autor	Pag.	Classe do membro	Exemplo	Observação
A	Elidia Jacques	5	V D	Desta forma <u>passamos a indicar</u> as partes que constituem este trabalho: - Introdução - Descrição de dados - Análise de dados - Conclusão	
A	Elidia Jacques	5/6	Titulo Pré-h V D D	2.Descrição dos dados Neste capítulo <u>vamos apresentar como se realiza</u> o casamento na língua Bantu (Xichangana), no campo, bem como no Português na cidade. No português o casamento é uma união legítima entre um homem e uma mulher. O casamento na cidade pode ser: - Civil, o que é contraído pela autoridade civil - Religioso, o que é contraído segundo a lei religiosa dos nubentes, e é indissolúvel.	
A	Elidia Jacques	10	Titulo V	2.2. Frases Usadas no Casamento em Português <u>Neste subcapítulo, vamos mostrar frases</u>	Neste tipo de casos a predição é cumprida numa vasta área de texto,

			D	<p>usadas em dois tipos de casamentos muito comuns na cidade e em Português.</p> <p>No acto do casamento civil, o conservador, pessoa que dirige a cerimónia...</p>	<p>por isso não é considerada nestes casos</p>
A	Luís Zucula	2	V D	<p><u>A análise deverá permitir que se chegue a seguintes conclusão:</u></p> <p>Na língua Tsonga existem lacunas lexicais que se realizam sincrónica e e se fixam diacronicamente. Elas são uma forma codificada do pensamento da comunidade . Então se a língua exprime dinamisco Comunicativo da vida humana, então podemos dizer que as lacunas lexicais são a manifestação dos etos particulares da nação.</p>	
A	Luís Zucula	10	V D Pós-h D Pós-h	<p>Por razões metodológicas <u>vamos analisar as palavras do corpus em ordem numérica e aos pares.</u></p> <p>1- madrasta vs mamani</p> <p>os tsonga/shangana (machos), segundo os preceitos da sua tradição, desposavam várias mulheres que viviam em várias palhotas à maneira de totem constituindopelos filhos "madrasta".</p> <p>2- primo vs makwero</p> <p>o uso do termo makwero parte-se da pressuposição que têm o mesmo sangue de nascimento....</p>	<p>A materialização envolve elementos opcionais, e irá ocorrer ao longo da secção</p>

A	Celeste Sumbana	3	V	Em termos metodológicos <u>colocarei as frases quer em Português assim como em cynungwe</u> em paralelo, uma vez que o sentido das frases é o mesmo.	Predição não considerada pois materializa-se em vasta área do texto.
A	David António	1	V D	<u>Pretende-se estruturar o trabalho</u> da seguinte maneira: na presente introdução (i), também se apresentam alguns conceitos, a secção (ii) que se segue é de análise de dados e a (iii) da conclusão.	O D ocorre na mesma secção que V
A	David António	3	V D	<u>Nesta secção faremos o estudo dos contrastes</u> das normas de pedidos entre o Português e o ciute De acordo com dados disponíveis, constatou-se que quando...	A predição é materializada numa vasta área do texto
A	David António	4	V* D	Aqui, <u>a análise centrasse-a- nos actos de fala</u> de pedido em relação ao adulto e por outro lado actos de fala num plano de intimidade. 2.2.Contrastes de estratégias de pedido entre português e ciutee	* Neste caso a materialização da predição D será feita na mesma secção mas não imediatamente a seguir
A	David António	8	V* D	<u>Tentar-se-á apresentar as estratégias</u> tendo em conta os seus destinatários ,isto é, a quem os pedidos se dirigem Distinguiu-se dois tipos de destinatário...	
A	Adelina Sete	1	V*	Para a realização do <u>estudo usarei a variável de adultos para ambas</u> as línguas.	

A	Vânia Gaspar	1	V*	...tentaremos explicar com base nos dados recolhidos e recorrendo ao nosso conhecimento introspectivo, que se baseia na nossa competência linguística, onde, como e quando é que ha contrastes	
	Vânia Gaspar	3	V*	Assim, tentaremos encontrar os três tipos de questões da análise contrastiva acima referidos (onde como e quando há contrastes)	
B ⁴	Francisco Vicente	5	V D1 Pós-h D2 Pós-h	Neste item, <u>passamos a listar e analisar as expressões referentes a morte do cicopi.</u> 1. Amanwi ngu lifo A expressão acima existe no português 2. Apindide mmafuni nesta expressão, nota/se que há entre a morte e a passar a terra a ideia de não presença	Apesar de ser raro, por vezes encontramos um comentário entre o primeiro D e o D seguinte
A	Francisco Vicente	9	V ⁵ D1, D2 e D3	<u>Passamos a contrastar entre o Português e o cicope no domínio das expressões referentes a morte, considerando as seguintes relações:</u> entre pai e filho, entre jovens e entre crentes e padre	
A	Claudia Miranda	2	V	<u>Começarei por fazer neste ponto a apresentação das línguas sobre as quais irei trabalhar começando por falar de Português</u>	Não há separação clara entre o V e o D.

⁴ Apesar de ser do Tipo B, o D realize-se de forma linear e apresenta elementos opcionais da estrutura, isto é o pós-h, mas apresenta comentários

⁵ Neste caso temos a relação entre a etiquetagem antecipada e a enumeração

			D	trabalhar começando por falar de Português língua não nativa de Moçambique....	
	Celeste Mussequeju a	3	V*	<u>Esta secção do trabalho irá tratar de algumas noções</u> teóricas importantes para a compreensão do trabalho	
A	Celeste Mussequeju a	3	V D	<u>Antes é necessário definir a análise</u> contrastiva. Segundo o Manuscrito a análise contrastiva é uma descrição explícita de como duas línguas contrastam na estrutura e no discurso.	
A	Pedro Massimaculo	8	V*	...na secção <u>seguir far-se-á a análise</u> em contexto jovem:jovem	
A	Pedro Massimaculo	14	V*	...na secção que se segue <u>far-se-á a análise em contextos</u> hipotéticos militar: militar.	
A	Elidio Nhamona	4	V D	Para melhor conhecimento da natureza do discurso persuasivo <u>é importante falar do signo linguístico.</u> O signo linguístico é a imaginação mental....	
A	Elidio Nhamona	13	V D	<u>Passemos de seguida a analisar os contrastes</u> no segundo texto com o título 'qualquer pessoa pode apanhar o HIV sida Podemos observar que ...	
A	Sandra Ianale	4	V*	Por esse motivo <u>farei uma análise contrastiva</u> ao nível do discurso onde tratarei apenas os aspectos funcionais da língua, a forma como as pessoas usam a língua.	

A	Sandra Ianale	4	V*	A metodologia usada para o prosseguimento deste estudo, <u>consistirá na apresentação de algumas situações</u> contextuais, acompanhadas das respectivas descrições.
A	Sandra Ianale	5	V D	<u>Podemos distinguir as formas de tratamento pronominais, as nominais e as verbais.</u> O uso das formas de tratamento nominais que são constituídos por ...
A	Sandra Ianale	6	V*	<u>Nesta secção apresentarei várias situações</u> contextuais, onde poderemos verificar em cada uma delas, a forma como as duas língua contrastam.
A	Mahalia Hunguana	2	V*	<u>Faremos uma análise contrastiva em que o</u> enfoque se incidirá no nível micro-linguístico
A	Mahalia Hunguana	3	V*	<u>Seria relevante que se fizesse um breve</u> <u>enquadramento</u> teórico sobre o tema a apresentar.
A	Mahalia Hunguana		Pré-h V D Pós-h	<u>Analizamos aqui o tipo de frases simples</u> que englobam as frases tradicionalmente classificadas como imperativas, cujos verbos encontramos através da atitude que o locutor assume. Consideremos os seguintes exemplos: 1. Come sopa! 2. Comam sopa! 3. Calou! 4. Andando! 5. partir Podemos constatar que os exemplos 1 a 5 exprimem ordem por ocorrência dos modos imperativo, conjuntivo e indicativo, infinitivo e das formas verbais de gerúndio.

A	Abdul Kadry	5	V D	Para além destes aspectos aqui referidos, <u>há que referir alguns aspectos extra- linguísticos</u> que entram na interacção aluno- professor. Por exemplo, quando um professor se dirige aluno na cultura changana
A	Abida aziz	8	V*	Nesta <u>secção apresentaremos os conceitos</u> que julgamos...
A	Abida aziz	12	V*	Nesta parte do trabalho <u>prosseguiremos a descrição</u> do
B	Elidio Nhamona	14	V. D1. D2 D3.	Em Português a informação sobre o tempo, o modo, o género, pessoa, vogal temática e o número são sufixados ao radical verbal como ilustram os seguintes quadros: Quadro I: Marcas pré-verbal no verbo em Gitonga Quadro II: A marca pós verbal do passado Gitonga Quadro III:A posição pós-verbal das categorias flexionais
III		14	Título V	2.2. Expressões referentes a morte no cicope Neste item, <u>passamos a listar as</u>

	Francisco Vicente		<p>D1.</p> <p>Pós-h</p> <p>D2</p> <p>Pós-h</p> <p>D3</p> <p>Pós-h</p>	<p><u>expressões referentes a morte no cicope.</u></p> <p>A mwanwi ngu lifo- encontrou a morte</p> <p>- A expressão acima existe no português e no cicope, na medida em que a tradução...para a expressar a morte.</p> <p>. A pinde mmafuri- passou da terra</p> <p>Nesta expressão nota-se que há em comum entre a morte e passar da terra a ideia de não presença...dai a metáfora.</p> <p>.Amwalate- desapareceu</p> <p>Neste expressão nota-se que o cicope recorre a uma relação de sinonímia. Esta relação não funciona...na mesma aceção.</p>	
A	Pedro Napido	22		<p><u>A seguir faremos uma revisão bibliográfica</u> como forma de dar mais consistência ao nosso trabalho.....</p>	

B	Elidio Nhamona	14	Pré-h V D1 D2. D3. Pós-h	<p>Em Português a informação sobre o tempo, o modo, o género, pessoa, vogal temática e o número são sufixados ao radical verbal <u>como ilustram os seguintes quadros:</u></p> <p>Quadro I: Marcas pré-verbal no verbo em Gitonga</p> <p>Quadro II: A marca pós verbal do passado Gitonga</p> <p>Quadro III: A posição pós-verbal das categorias flexionais</p> <p>Os quadros i, II, III resumem as estruturas verbais diferentes entre o gitonga e o português.</p>	
B			h- D Pós-h	<p><u>...podemos representar os principais</u> marcadores discursivos no Emakhwa e no português sob forma de quadro:</p> <p>Marcadores Discursivos Quadro</p> <p>O quadro 3.1 mostra-nos os principais...</p>	

As frases acima apresentadas etiquetam um acto de discurso que é de antecipar, de predizer o que vai acontecer brevemente no discurso. O acto é cumprido pelo próprio escritor, e como se observa a performance materializa-se numa outra frase, com algumas excepções segundo anotamos na observação.